

Universidades Lusíada

Silva, Márcia Verónica Costa da

Vinculação e Personalidade em adolescentes

<http://hdl.handle.net/11067/4519>

Metadata

Issue Date 2018

Abstract Resumo: No ciclo vital a adolescência corresponde a um período crítico de grandes mudanças desenvolvimentais e, é também uma fase na qual, independentemente da qualidade da vinculação aos pais, podem ocorrer alterações na qualidade das relações estabelecidas ou na criação de novas relações. Nesse sentido, o objetivo desta investigação foi o de verificar se existe relação entre vinculação dos adolescentes e a Personalidade. Foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, constit...

Abstract: In the vital cycle, adolescence is a critical period of major developmental changes and it is also a stage in wich, regardless of the quality of the binding to parents, there may be changes in the quality of the relations established or in the creation of new relations. In this sense, the objective of the research was to assess whether there is a relationship between adolescents' attachment to the personality. A non-probabilistic sample was studied for convenience, consisting of 350...

Keywords Psicologia, Psicologia clínica, Avaliação da personalidade de adolescentes, Teste Psicológico - Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), este Psicológico - Inventário de Temperamento e Carácter para Adolescentes, Teste Psicológico - Inventory of Parent and Peer Attachment

Type masterThesis

Peer Reviewed No

Collections [ULP-IPCE] Dissertações

This page was automatically generated in 2020-03-05T06:42:19Z with information provided by the Repository

VINCULAÇÃO E PERSONALIDADE
EM ADOLESCENTES

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**VINCULAÇÃO E PERSONALIDADE
EM ADOLESCENTES**

Márcia Verónica Costa da Silva

PORTO 2019



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Márcia Verónica Costa da Silva



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**VINCULAÇÃO E PERSONALIDADE
EM ADOLESCENTES**

Márcia Verónica Costa da Silva

PORTO 2019

ORIENTAÇÃO:
Prof.^ª Doutora Joana Oliveira



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



PANTONE 151 C

C: 0

M: 48

Y: 95

K: 0

“Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos desafios, incompreensões e períodos de crise.

Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar autor da própria história.

É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma.

É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.

É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um “não”.

É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo ... ”

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Muitas foram as pessoas que, durante a elaboração deste trabalho, contribuíram, de algum modo, para tornar possível a sua concretização. Esta é a forma que escolhi para lhes agradecer.

Aos meus filhos: David, Maria Inês e Maria Francisca, pelo amor, carinho e paciência, quando estes é quem cuidavam de mim, mesmo sem se aperceberem.

Ao meu marido e pilar da minha vida, Davide, por todo o amor, carinho, paciência, força e compreensão demonstrada nos momentos mais importantes e difíceis das nossas vidas.

Ao meu querido avô por ser a estrela que me guia.

Aos meus pais, Lai e Silva, pelos ensinamentos transmitidos, pelo amor e paciência demonstrados ao longo da minha vida e, particularmente, ao longo desta minha caminhada académica.

Às minhas sobrinhas, Ariana, Laís e Bárbara, por todo o carinho.

À Professora Doutora Joana Oliveira, minha orientadora, e ao Professor Doutor Paulo Moreira, pela disponibilidade, compreensão e sabedoria transmitidas até hoje. A vossa ajuda foi indispensável para a concretização desta caminhada.

Aos meus amigos, poucos mas essenciais, agradeço por estarem comigo sempre que precisei do vosso apoio e amizade.

Agradeço a todos os adolescentes que pela sua imprescindível colaboração, tornaram possível a realização deste trabalho.

Juntos realizamos este trabalho. Obrigada!

Índice

Resumo	7
Abstract	8
1.Introdução	9
1.1- Vinculação	13
1.1.1-As figuras de Vinculação.....	16
1.2- Personalidade	17
1.2.1. Modelos de Personalidade.....	18
1.2.1.1-Modelo dos Cinco Fatores.....	18
1.2.1.2- Modelo psicobiológico de Robert Cloninger	20
1.3- Adolescência.....	26
1.4- Vinculação e Personalidade na Adolescência	28
2- Metodologia.....	32
2.1- Participantes	32
2.2- Instrumentos.....	34
2.2.1- Questionário Socio-demográfico	34
2.2.2-Vinculação: QVPM e IPPA.....	34
2.2.3-Personalidade: JTCl	36
2.3- Procedimentos.....	38
3.Resultados.....	39
4. Discussão dos Resultados.....	46
Referências Bibliográficas	49

Lista de abreviaturas

ASQ- *Attachment Style Questionnaire*

CO- Cooperação

CO1- Aceitação Social

CO2- Empatia

CO3- Altruísmo

CO4- Compaixão e Valor **HA-** Evitamento do Perigo

HA1- Ansiedade antecipatória

HA2- Medo da incerteza

HA3- Timidez

HA4- Fadiga

IPPA- *Inventory of Parent and Peer Attachment*

NEO-FFI- *Neo Five Factor Inventory*

NEO-PI-R – *Revised NEO Personality Inventory*

NS- Procura de novidade

PS- Persistência

PS1- Resistência ao esforço

PS2- Trabalho

PS3- Ambição

PS4- Perfeccionismo

QVPM- *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*

RD- Dependência de Recompensa

RD1- Sentimentalismo

RD2- Abertura à comunicação

RD3- Ligação e amizade

RD4- Dependência

SD- Determinação

SD1- Responsabilidade

SD2- Orientação para objetivos

SD3- Recursos

SD4- Auto- aceitação

ST- Auto transcendência

ST1- Fantasia

ST2- Espiritualidade

***TCI-** Inventário Temperamento e Caráter*

***TCI-J -**Inventário de Temperamento e Caráter para adolescentes*

Índice de Tabelas

Tabela 1. Descrição sociodemográfica dos participantes

Tabela 2. Consistência interna das dimensões de vinculação utilizados no presente estudo

Tabela 3. Testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov

Tabela 4. Correlações de Spearman entre as dimensões da vinculação

Tabela 5. Correlações de Spearman entre as dimensões da personalidade e a da vinculação

Tabela 6. Testes de Mann-Whitney para as dimensões da vinculação e para as dimensões da Personalidade em função do género

Resumo

No ciclo vital a adolescência corresponde a um período crítico de grandes mudanças desenvolvimentais e, é também uma fase na qual, independentemente da qualidade da vinculação aos pais, podem ocorrer alterações na qualidade das relações estabelecidas ou na criação de novas relações.

Nesse sentido, o objetivo desta investigação foi o de verificar se existe relação entre vinculação dos adolescentes e a Personalidade. Foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, constituída por 350 adolescentes de escolas do ensino secundário de Amarante e Vila Nova de Gaia. Os participantes incluídos neste estudo tinham idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos ($M=14,88$; $DP=1,73$), sendo 51,4% ($n=180$) do sexo feminino e 48,6% ($n=170$) do sexo masculino. Os participantes inicialmente responderam a um Questionário Sociodemográfico. Foi utilizado para avaliação da personalidade o *Inventário de Temperamento e Caráter para Adolescentes*, o *Inventory of Parent and Peer Attachment* e o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*.

Os resultados demonstraram a existência de correlações significativas entre as dimensões da personalidade, em especial as do temperamento, e da vinculação.

Palavras-chave: Vinculação, Personalidade, Adolescência.

Abstrat

In the vital cycle, adolescence is a critical period of major developmental changes and it is also a stage in wich, regardless of the quality of the binding to parents, there may be changes in the quality of the relations established or in the creation of new relations.

In this sense, the objective of the research was to assess whether there is a relationship between adolescents' attachment to the personality. A non-probabilistic sample was studied for convenience, consisting of 350 adolescents from secondary schools in Amarante and Vila Nova de Gaia. The participants included in this study had ages ranging from 11 to 18 ($M = 14.88$; $SD = 1.73$), 51.4% ($n = 180$) females and 48.6% ($n = 170$) of the male sex. Participants responded to a Socio-demographic Questionnaire. The instrument used to assess personality was the *Junior Character and Temperament Inventory (TCI-J)* and the instruments used to assess attachment were the *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)* and the *Parenting and Mother Relationship Questionnaire (QVPM)*.

The results indicated the existence of significant correlations between personality dimensions, especially temperament, and attachment.

Keywords: Attachment; Personality ; Adolescents.

1.Introdução

A psicologia tem sido um campo de permanente emergência de teorias explicativas do desenvolvimento psicológico humano, procurando demonstrar, constantemente, a importância a curto, médio e longo prazo, para este processo, do tipo de relações que as pessoas formam com os demais, particularmente, no caso das crianças, durante a sua infância e adolescência, as relações que estabelecem com os seus pais e o tipo de práticas de socialização promovidas por estes, bem como, simultaneamente, as relações sociais com os pares, que aumentam de frequência, intensidade e relevância à medida que a sua idade aumenta (Bretherton, 1999).

Sendo nesse sentido interessante dar continuidade aos estudos que tendem a explicar diversos temas, tal como esta dissertação que pretende ser um contributo para a compreensão da relação entre vinculação e a personalidade.

Pode afirmar-se que toda a investigação sobre a vinculação surgiu em meados do século XX, pelos estudos de John Bowlby, baseada num robusto ponto de vista científico e, ao mesmo tempo, de relevante importância social, debruçando-se sobre um fenómeno universal, a vinculação, defendendo que as relações afetivas com outros significativos proporcionam um papel estruturante na formação e progresso da identidade/Self, influenciando, posteriormente, os modos de interação e relacionamento que contribuem para o desenvolvimento da personalidade (Soares, 2007).

Segundo Soares (1996) a Vinculação deve ser, portanto, um ponto de partida para a construção de uma identidade equilibrada, que possibilite o apelo à exploração do meio, o assumir de novas ligações, compromissos e, conseqüentemente, renovadas formas de existência ao longo do ciclo vital.

O modo como a pessoa se relaciona, desde o nascimento, tem uma influência preponderante no seu percurso de vida, uma vez que o modo como estabelece as suas vinculações influencia a maneira como encara ou gere aspetos emocionais, cognitivos e sociais da sua vida – como os momentos de separação ou de perda, curiosidade, exploração do meio envolvente, intimidade, interdependência relacional, etc. (Soares, 2007).

Silva e col. (2018) pretenderam analisar o efeito preditor da qualidade da vinculação aos pais e da adversidade na infância no desenvolvimento de sintomatologia

psicopatológica em jovens, os resultados apontavam para associações positivas entre a vinculação ao pai e à mãe e as experiências adversas na infância, nomeadamente entre a inibição da exploração e individualidade com ambas as figuras parentais e todas as variáveis relativas às experiências adversas na infância.

Neste sentido, parece que a existência de situações adversas na infância poderão associar-se ao estabelecimento de um vínculo inseguro com as figuras parentais, caracterizado pela perceção de uma maior restrição à expressão e exploração da autonomia e da individualidade (Benavente et al., 2009).

Segundo várias evidências empíricas, as crianças que na infância sofreram situações abusivas ou negligentes com as figuras primordiais tendem a revelar uma vinculação marcadamente insegura, podendo percecionar a relação as figuras cuidadoras menos disponíveis e responsivas (Benavente et al,2009).

Embora a literatura tenha vindo a assumir a importância de outras figuras significativas para além da mãe, nomeadamente o pai e elementos da família alargada, no desenvolvimento emocional das crianças, os dados da qualidade da vinculação à mãe têm sido a fonte maior na formulação dos princípios básicos da teoria da vinculação (Ainsworth, 1969;1989; Bowlby, 1988, 1990, 1998; Rocha, Mota, Matos, 2011).

Como refere Soares (2000):

“Perceber a natureza do vínculo que liga a criança à mãe, compreender os padrões de vinculação estabelecidos na infância, entre a criança e a mãe (ou o seu principal cuidador), bem como a influência destes na personalidade futura da criança foram alguns dos grandes objetivos da teoria da vinculação desenvolvida por J. Bowlby”.

Deste modo, os estudos feitos sobre esta temática confirmam a importância do comportamento parental para a segurança da vinculação da criança, nomeadamente a presença de apoio emocional e sensibilidade, com níveis adequados de controlo positivo e baixos níveis de rejeição (Simões; Farate; Soares,;Pocinho ,2011).

As interpretações desenvolvimentais clássicas sobre a adolescência postulavam que o distanciamento físico dos pais traduziria um enfraquecimento da vinculação ou, ainda,

que a progressiva autonomia do adolescente seria favorecida por uma separação, ou mesmo oposição, relativamente aos pais (Machado; Oliveira, 2007).

É importante perceber se a qualidade da relação da vinculação se encontra relacionada com a qualidade do desenvolvimento emocional e terá implicações no funcionamento emocional na adolescência a posteriormente na idade adulta. Logo, é de grande interesse teórico e clínico perceber o modo como as experiências na infância influenciam o desenvolvimento do ser humano, nomeadamente na adolescência (Gleeson & Fitzgerald, 2014).

Alguns dos estudos que ligam a variável personalidade à vinculação avaliam os seguintes domínios: autoestima (Lemery, Golsmith, Klinnert & Mrazek, 1999; relacionamento interpessoal, adequação social, psicopatologia e sentimentos depressivos (Overbeek, Vollebergh, Engels & Meeus, 2003).

Também Leveridge et al (2005) investigaram as relações entre a vinculação e os estilos de personalidade e revelaram que estilos de vinculação evitativos estavam associados a personalidades de isolamento social, desmembramento familiar e evitação familiar. Enquanto os estilos de vinculação ansiosa estavam associados a estilos de personalidade mais evidente de depressão e ansiedade. Segundo estes autores, como resultado das experiências relacionadas com a vinculação, os adolescentes desenvolvem um modelo de trabalho interno sobre o “eu”, as figuras de vinculação e o relacionamento de vinculação.

Um estudo de Johnson et al (2012) indica que os adolescentes que vivenciaram uma vinculação segura tendem a tornarem-se adolescentes seguros, a desenvolver amizades mais íntimas, possuindo autoestima mais elevada, tendem a ser apontados como líderes e a praticar sexo seguro ao iniciar a vida sexual. Contrariamente aos adolescentes que vivenciaram um estilo de vinculação insegura que tendem a expressar mais raiva, vivenciam menos amizades positivas e saudáveis, tendem a iniciar precocemente a vida sexual e praticar sexo menos seguro.

Segundo Davis et al (2016) os indivíduos com uma vinculação insegura apresentavam taxas mais altas de psicopatologia, nomeadamente depressão e ansiedade, em contrapartida, os indivíduos com uma vinculação segura apresentam taxas mais baixas de angústia e maiores taxas de autorregulação comportamental.

Também um outro estudo de Chow et al (2017) avaliou como os pais e os adolescentes se podem influenciar conjuntamente na qualidade de seu relacionamento, neste estudo ambos os membros relataram os seus estilos de vinculação, proximidade e evitamento de relacionamento. A ansiedade de vinculação aos pais estava relacionada a problemas de relacionamento, pois os adolescentes revelaram valores mais elevados na vinculação evitativa, quando relataram menor proximidade aos pais.

A imagem que os adolescentes criam de si e dos outros, prende-se com a qualidade da vivência das relações que estabelecem com as figuras significativas e em particular com a figura cuidadora.

A investigação empírica tem vindo consistentemente a observar a qualidade de vinculação aos pais enquanto um dos preditores da qualidade relacional com os seus pares.

A adolescência pode reafirmar-se assim como um dilema que o jovem enfrenta, a separação psicológica dos cuidadores e a aproximação de um novo ser psicológico que permitirá a procura de uma base de confiança para explorar o mundo (Matos & Costa, 1996).

Em Portugal, estudos recentes (Mota & Matos, 2009; Rocha, 2008; Rocha, Mota, Matos, 2011) sublinham a importância da qualidade dos laços emocionais construídos com os pais, desenvolvendo uma perceção positiva de si, que se repercute no bem-estar dos adolescentes, demonstrando maior disponibilidade pessoal no estabelecimento de contactos com os diversos contextos relacionais, nomeadamente com os pares.

É de igual modo importante investigar e perceber os estudos que foram conduzidos no sentido de verificar a relevância de estabelecer relações de vinculação significativas. É sabido, através das investigações desses temas, que a qualidade da vinculação aos pais potencia o desenvolvimento socio-emocional da criança e do adolescente (Soares, 1996; Assunção & Matos, 2010) e que a personalidade pode ser considerada como o resultado da qualidade dessa relação.

Isto porque existe uma relação significativa entre as experiências de vinculação na infância e adolescência que promove a capacidade de estabelecer relações afetivas saudáveis na vida adulta (Cunha, 2005).

Será então correto afirmar que é a partir destas primeiras interações que a criança constrói os modelos que servirão para guiar e ajustar o seu próprio comportamento às mais diversas situações ao longo do ciclo vital e de que o estudo das implicações da vinculação ao longo da vida continua a suscitar interesse de investigação.

1.1-Vinculação

A teoria da vinculação de Bowlby (1952) defende que a ligação afetiva que se cria entre a mãe e o bebé condiciona relacionamentos futuros e promove expectativas acerca de si próprio e do próximo que podem influenciar o desenvolvimento social e psicológico ao longo da vida. De acordo com esta perspetiva, é inata ao ser humano a necessidade de criar laços com pessoas significativas.

O comportamento de vinculação tem por objetivo estabelecer ou manter a proximidade da criança com a figura de vinculação, e pode ser ativado ou desativado consoante as situações relativas à criança, ao meio físico e ao comportamento materno, como por exemplo, o desencorajamento de proximidade da criança ou a ausência da mãe Bowlby (1969/1984).

Para Bowlby (1988) a personalidade tem na sua formação uma forte componente relacionada com a vinculação, tendo sido referido pelo próprio autor de que a organização de vinculação desenvolvida durante os períodos neonatal, da infância e na adolescência, se enraíza profundamente na qualidade relacional que os pais têm com os seus filhos.

Dando continuidade aos trabalhos de Bowlby, Ainsworth e col. (1978) identificaram três padrões de vinculação: a segura, a ansiosa/ambivalente e a evitante. O padrão seguro caracteriza-se por uma procura ativa de proximidade e interação com a figura de vinculação, a comunicação é mais eficaz e a mãe está mais atenta aos sinais emocionais do filho dando uma resposta que adequadamente reduz o sentimento de insegurança da criança (Ainsworth et al., 1978).

Relativamente ao padrão de vinculação ansiosa/ambivalente observamos a coexistência de comportamentos de resistência à figura de vinculação e de procura de contacto com a figura de vinculação, assim, a comunicação revela-se negativa, com expressões de irritação e protestos por parte da criança (Ainsworth et al., 1978).

Quanto ao padrão evitante, este é caracterizado por ausência de vinculação, isto é, permanece a falta de comunicação de sentimentos entre a mãe e o bebê, com uma tendência por parte da criança de não protestar na ausência da figura de vinculação, por esta ter vivenciado poucas experiências afetuosas com a figura de vinculação (Ainsworth et al,1978).

Os estudos de Ainsworth e Bowlby sobre a vinculação encontram-se associados a muitos outros estudos realizados ao longo dos anos que, utilizando conceitos derivados da etologia, cibernética, processamento de informação, psicologia do desenvolvimento e psicanálise, reformularam os princípios básicos desta teoria (Ainsworth; Bowlby, 1952,1973,1991,cit in Teixeira; Martins; Quintas, 2016).

Estes estudos levaram a um aumento exponencial do número de investigações que procuravam demonstrar a importância das primeiras relações de vinculação no desenvolvimento do sujeito (Almeida, 1997).

Perante o elevado interesse e empenho sobre os estudos da Vinculação na atualidade sabe-se que a relação de vinculação é fortalecida após o nascimento, mas iniciada durante a gravidez e influenciará toda a sua existência, na relação com os progenitores, com os seus semelhantes e até no futuro papel como mãe/pai. (Teixeira; Martins; Quintas, 2016).

De acordo com os estudos realizados, crianças que experienciem uma vinculação segura têm uma maior probabilidade de construir boas estratégias de regulação afetiva, de autoeficácia e capacidades para a resolução de problemas que servem como referência para o estabelecimento de relações positivas, próximas e de elevado cariz emocional (Colle & Del Giudice, 2011).

Contrariamente, crianças vinculadas de forma insegura possuem estratégias inadequadas na gestão de conflitos e estabelecem relações de baixo cariz emocional (Booth-LaForce;Rose-Krasnor & Burgess, 2005).

Kochanska e Kim (2013), nas suas investigações, descobriram que crianças com uma relação de vinculação insegura com os pais têm uma maior probabilidade de vir a manifestar problemas de comportamento, os quais se podem manifestar de forma interiorizada (que se expressam em relação ao próprio indivíduo) e exteriorizada (que se expressam em relação a outras pessoas).

Vários estudos reportam também para a existência de diferenças entre gêneros, comportamentos exteriorizados associados a rapazes e comportamentos interiorizados relacionados a raparigas (Bartels;Hudziak; Boomsma;Rietvel; Van Beijsterveldt 2003; Del Giudice, Angeleri & Manera, 2009; Spieker, Campbell, Pierce, Cauffman, Susman & Roisman, 2012).

Segundo Cunha (2005), os comportamentos de vinculação tornam-se menos frequentes e menos intensamente ativados, devido ao aumento da competência cognitiva, isto significa que a criança atinge uma maturação em que é capaz, por períodos de tempo cada vez mais longos, de se sentir segura, mesmo na ausência da figura de vinculação, porque sabe onde ela está e quando regressa, ou que estará disponível se precisar dela.

Também para Jongenelen et al (2007) a dimensão representacional adquire ainda mais significância quando o sujeito chega à adolescência, altura em que, a par de outras transições, a dependência das figuras parentais passa a metamorfosear-se no sentido de uma autonomia relativa.

Friedlmeier e Granqvist (2006), utilizando uma metodologia prospetiva, quiseram investigar se, e de que forma, as várias funções de vinculação são transferidas de pais para pares na adolescência, e os resultados foram de tal modo interessantes, que os autores realizaram análises suplementares onde verificaram que o processo seguia por vezes a direção esperada (isto é, quando a *Base segura* estava transferida para os pares, a *Procura de proximidade* e o *Porto seguro* estavam-no igualmente), mas acontecia também o movimento não esperado teoricamente, ou seja havia “transferência” de pares a pais.

Ou seja, podemos levantar a hipótese que existem fatores concorrenciais, nomeadamente fatores do ambiente, tais como acontecimentos de vida, que permitem o recurso a cada uma das figuras, mediante a facilitação de resposta que cada uma pode dar a cada situação em específico e começa também a entrever-se a possibilidade de observar este processo do ponto de vista de um alargamento da rede das figuras capazes de exercer funções de vinculação para além dos pais e, não de uma transferência que apela à ideia da substituição de pais por pares.

As interpretações desenvolvimentais clássicas sobre a vinculação na adolescência postulavam que o distanciamento físico dos pais traduziria um enfraquecimento da vinculação ou, ainda, que a progressiva autonomia do adolescente seria favorecida por uma separação, ou mesmo oposição, relativamente aos pais (Machado & Oliveira, 2007).

1.1.1 -As Figuras de Vinculação

Segundo Bowlby (1969/1982) as crianças têm mais de uma figura a quem direcionam o comportamento de vinculação,

Ainsworth (1967) e Schaffer e Emerson (1964) observaram também que, nos seus estudos empíricos, a maior parte das crianças estabelecem mais relações de vinculação com mais de uma figura familiar durante o primeiro ano de vida.

Bowlby (1969/1982) refere que a sensibilidade ao choro e a disposição para a interação social são os fatores primordiais na escolha de quem será uma figura de vinculação, habitualmente o papel da mãe como figura de vinculação é evidente mas, em especial, o pai, também, pode facilmente tornar-se uma figura de vinculação alternativa nos primeiros anos de vida da criança.

Embora as crianças tenham múltiplas figuras de vinculação, as crianças não se relacionam com elas de forma igual nem são substituíveis umas pelas outras, de acordo com Bowlby (1969/1982), é um erro partir do pressuposto que a criança dispersa a capacidade de vinculação nas diferentes figuras, de tal forma, que não estabelece uma vinculação forte com ninguém em especial.

Segundo Tereno e Matos (2017) as variações da qualidade de vinculação representam condições precoces que, em contexto de interação entre fatores biológicos e ambientais, desempenham um papel dinâmico no desenvolvimento do funcionamento sócio emocional.

A investigação na vinculação tem-nos esclarecido sobre os efeitos de experiências precoces associadas a rotinas de cuidados fora de casa, separações e perturbações significativas de prestação de cuidados. São ainda colocadas em causa as práticas de separação progenitor/criança quando esta está doente ou durante procedimentos médicos dolorosos. A presença apoiante de figuras relacionais significativas permite ajudar a lidar e a recuperar do trauma e do stress (Tereno e Matos (2017)).

Ao longo do seu desenvolvimento, a criança começa a passar mais tempo com pessoas fora da família, onde surgem novas surgem oportunidades para o estabelecimento de novas relações de vinculação. Na adolescência, os indivíduos iniciam, normalmente, o estabelecimento de novas relações de vinculação com os parceiros sexuais. Apesar da vinculação aos pais, habitualmente, permanecer ao longo da vida, as relações de

vinculação posteriores podem tornar-se as mais importantes na vida adulta (Cassidy, 2008)

1.2-Personalidade

Ao longo dos anos a literatura tem vindo a apontar que as relações estabelecidas com as figuras significativas são relevantes para a definição de personalidade, assim parece também pertinente remontar à teoria da vinculação, onde se compreende que o ser humano acarreta uma predisposição intrínseca para o estabelecimento de laços de afetividade que tendem a prolongar-se ao longo do tempo (Tomé; Camacho; Matos & Diniz, 2011).

Nesse sentido, a qualidade da relação que se estabelece com as figuras primordiais de cuidado, onde estão patentes características de procura de proximidade, podem ocasionar bases seguras e que se despoletam sentimentos de segurança e confiança que permitem uma maior predisposição para as crianças se descobrirem a si mesmas e estabelecerem relações com os outros orientando a elaboração de modelos internos dinâmicos, que permitem orientar e interpretar os seus comportamentos e os dos outros, bem como elaborar as suas escolhas face ao futuro (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988).

Deste modo, a qualidade das relações estabelecidas parece constituir um elemento determinante para desenvolvimento pessoal e social dos jovens, facilitando-os na exploração do mundo exterior e na construção da sua autonomia e identidade (Mota, Costa & Matos, 2016).

Diversos autores, tal como McCrae e Costa (2008) apontam a personalidade como uma das principais fontes que contribui para as diferenças individuais no que confere ao estabelecimento de objetivos de vida.

Outros autores referem ainda aos objetivos pessoais como o reflexo de traços da personalidade de cada indivíduo (Boudreaux, & Ozer, 2013).

Para Roberts (2009) os traços de personalidade são padrões que perduram ao longo do tempo, os quais envolvem pensamentos, sentimentos e comportamentos que caracterizam a forma típica como os indivíduos tendem a responder em diferentes situações.

Para alguns autores os traços de personalidade têm vindo a ser apontados como um dos principais preditores do comportamento humano, associando-se ao esforço que os indivíduos têm para alcançar projetos de vida, o qual envolve as suas crenças, motivações, valores e desejos (Cantor et al., 1991; Emmons, 1986; Trautwein, Ludke, Roberts, Schnyder, & Niggli, 2009).

Também em estudos realizados por McCabe, Yperen, Elliot e Verbraak (2013) e Vasalampi et al. (2014) corroboraram esta ideia, enfatizando uma relação estreita entre traços da personalidade e a planificação e busca de objetivos de vida.

Para além disso, alguma literatura sugere os traços de personalidade como um dos principais fatores influentes na perceção do suporte social (Rogers, Creed, & Glendon, 2008; Swickert, Hittner, & Foster, 2010).

1.2.1- Modelos de Personalidade

1.2.1.1- Modelo dos Cinco Fatores (Five Factor Model)

Este modelo derivou do trabalho de Eysenck e Eysenck (1975), para apreender o conjunto dos traços de personalidade, designadamente: neuroticismo, extroversão, amabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade. Desta hipótese surgiu um questionário para avaliar as cinco dimensões fundamentais da personalidade: o *NEO PI-R (NEO Personality Inventory - Revised)* (Hansenne, 2003).

Segundo Costa e McCrae (1992), as facetas da personalidade que compõem o neuroticismo são: ansiedade, hostilidade, depressão, auto consciência, impulsividade e vulnerabilidade (esta dimensão diz respeito à instabilidade/estabilidade emocional de um indivíduo); a extroversão é composta pelas seguintes facetas: acolhimento caloroso, gregarismo, assertividade, atividade, procura de excitação e emoções positivas (esta dimensão corresponde ao nível de sociabilidade de um indivíduo); a amabilidade é composta por: confiança, retidão, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade (esta dimensão refere-se a traços que levam a atitudes e a comportamentos pró-sociais); a abertura à experiência é composta por: fantasia, estética, sentimentos, ações, ideias e valores (esta dimensão caracteriza-se por um interesse intrínseco na experiência em múltiplas áreas); e a conscienciosidade é composta pelas seguintes facetas: competência,

ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e deliberação (esta dimensão refere-se ao sentido prático e de contenção).

Laak (1996) faz um apanhado histórico do surgimento do Modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade, e comenta que as análises de correlação de diversos instrumentos que medem os traços ou disposições, geralmente indicam duas dimensões, interpretadas como extroversão e neuroticismo. As pesquisas correlacionais com enfoque psicológico, ou seja, aquelas que utilizam adjetivos de personalidade, levaram a agregar outras três dimensões: amabilidade, conscienciosidade e abertura à experiência. Este novo conjunto de dimensões passou a ser conhecido como os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (Goldberg, 1981).

Posteriormente Cloninger (1986, 1987) apresentou a teoria biossocial unificada do temperamento e da personalidade. Nesta teoria, a personalidade é conceptualizada como uma combinação de traços hereditários e neurobiológicos (dimensões do temperamento) e traços que refletem a aprendizagem sociocultural (dimensões do carácter). O Modelo biopsicossocial é um modelo que estuda a personalidade e o seu autor desenvolveu o teste designado por *TCI* (Cloninger, 1998). Este inventário (designado por inventário do temperamento e do carácter) é constituído por quatro dimensões do temperamento de ordem mais elevada, para avaliar a personalidade, que estão relacionadas com a atividade em sistemas de neurotransmissores centrais específicos: a procura de novidade (ativação - sistema dopaminérgico) mede como o comportamento é ativado em resposta à novidade, à tomada de decisão impulsiva, à extravagância na abordagem a estímulos de recompensa, à perda de paciência e ao evitamento da frustração; o evitamento de dano (inibição - sistema serotoninérgico) está associado à afetividade negativa, que é a inibição ou cessação de comportamentos face a possibilidade de frustração ou ameaça, como a preocupação pessimista em relação a problemas futuros, comportamentos de esquiva, medo da incerteza, timidez em frente a estranhos e tendência à fadiga; a dependência da recompensa (manutenção - sistema noradrenérgico) mede a manutenção ou a continuidade de comportamentos que se manifestam como o sentimentalismo, vínculos sociais e dependência de aprovação dos outros, de forma que o indivíduo responda com o fim de obter uma recompensa, e está associada à afetividade positiva; e a persistência (que descreve a tendência do indivíduo em prosseguir um determinado comportamento, sem considerar as consequências); e três dimensões do carácter: auto diretividade (maturidade individual) refere-se à autodeterminação e à força

de vontade, além da capacidade que o indivíduo tem de controlar, regular e adaptar o seu comportamento de acordo com valores e metas; a cooperação (maturidade social) compreende a tolerância social, a empatia, a prestatividade, a compaixão e princípios morais que correspondem aos componentes de avaliação da personalidade; nesta dimensão observa-se como o indivíduo se percebe como parte integrante da sociedade como um todo; e a auto transcendência (maturidade espiritual) é uma dimensão descrita como aceitação, identificação ou união espiritual com a natureza: o indivíduo percebe-se como parte integrante de um todo unificado; está associada a um julgamento altruísta e humilde.

Inicialmente existiam três versões: uma para adultos, autoadministrada, com 240 itens; outro para pré-escolares (2-4 anos de idade) que os pais respondiam; e outra versão para a escola (7 - 14 anos) autoadministrada que também apresentava a versão dos pais. Cada versão consistia em 108 itens. Posteriormente foram validadas as características psicométricas do questionário *JTCI* adaptada a adolescentes. *O JTCI* foi adaptado à população portuguesa, para adolescentes dos 12 aos 18 anos, constituindo-se assim um inventário de 127 itens de autopreenchimento para crianças e adolescentes, para pais e professores. (Moreira, et al, 2012).

1.2.1.2-Modelo Psicobiológico de Robert Cloninger

O Modelo Psicobiológico de Robert Cloninger e colaboradores foi proposto originalmente como um método sistemático para a descrição clínica e classificação das variações normais e anormais da personalidade baseada na teoria da personalidade (Cloninger,1987).

O Modelo Psicobiológico de Temperamento e Caráter foi desenvolvido para descrever a estrutura biogenética subjacente à personalidade. Este modelo integra conceitos de neurobiologia e da genética do comportamento bem como da aprendizagem sociocultural, fornecendo uma visão abrangente da personalidade humana em vários níveis de análise (Gutierrez- Zotes et al, 2004).

O Modelo Psicobiológico de Robert Cloninger é um modelo dinâmico e integrador, que envolve dimensões psicológicas, físicas e sociais e que pretende estabelecer as "diferenças individuais no comportamento psicopatológico" (Kose, 2003; Marco, 2006).

Fundamentado em diversas hipóteses neurobiológicas e clínicas, fornece as bases para uma classificação nosológica, que inclui tanto a personalidade normal como patológica (Kose, 2003; Aranda,2004).

De acordo com este modelo, a personalidade é constituída por dois grandes componentes, o temperamento que compreende quatro dimensões e o caráter com três dimensões (Quintana & Munõz, 2010).

Conseqüentemente estes constituintes da personalidade possuem traços que avaliam “diferenças individuais no funcionamento adaptativo e saúde mental” (Cloninger & Zohar, 2010).

O temperamento corresponde à componente hereditária/genética, mais inata da personalidade e é influenciada pela dinâmica entre as experiências pessoais e as aprendizagens que decorrem ao longo da vida de cada pessoa (Lengua et al, 2013).

O temperamento é constituído por quatro traços gerais, hereditários, independentes, influenciados por sistemas neuro químicos específico: a procura de novidade (NS) com o sistema dopaminérgico; o evitamento do perigo (HA) com o neuro transmissor serotonina; a dependência de recompensa (RD) e a persistência (PS) com o neurotransmissor noradrenalina (Cloninger, Svrakic, Thomas & Przybeck,1993).

Os traços que constituem o temperamento são influenciados geneticamente, são diferenças individuais relativamente estáveis percetíveis precocemente na infância, preditivos do desenvolvimento comportamental e culturalmente transversais (Heath, Cloninger & Martin,1994; Zohar, 2007).

De uma forma geral,o traço é a propensão para reagir a um determinado estímulo, é a característica que distingue os sujeitos (Allport,1927).

Um dos fatores do temperamento é a procura de novidade (NS) que é vista como a tendência inata para a inibição ou ativação do comportamento perante estímulos novos (Cloninger, Svrack & Przybeck, 1993).

Uma elevada procura de novidade (NS) corresponde a um estilo comportamental impulsivo, explorador que se traduz em instabilidade ou incapacidade nas relações sociais (Verissimo,2008).

Ao longo dos anos diferentes estudos concluíram que a procura de novidade está positivamente correlacionada com o alcoolismo, consumo de drogas e comportamentos antissociais nos adolescentes quando conjugada com baixo evitamento ao perigo (HA) e dependência e recompensa (RD) (Preiss & Klosc, 2001).

Esta é constituída por quatro facetas: Excitabilidade (NS1), quando relacionada com positivamente, os sujeitos apresentam necessidade e procuram novas situações, quando relacionado negativamente são resistentes à mudança; Impulsividade (NS2), quando relacionada positivamente, os indivíduos são indiferentes às consequências e volúveis, quando negativamente relacionados são capazes de resoluções analíticas pormenorizadas; Extravagância (NS3), os sujeitos tem propensão para a teatralidade, quando relacionada negativamente, estes são muito ponderados e dificilmente se apresentam irritados; Desordem (NS4), estes indivíduos apresentam-se desarrumados quando positivamente ou muito organizados, poupados e imponderáveis quando relacionados negativamente (Kenzo, 2003; Veríssimo, 2008).

O domínio evitamento do perigo (HA), componente hereditária em que os indivíduos tendem a responder intensamente a estímulos desagradáveis, medo da incerteza e pessimismo relativamente em prever o futuro (Cloninger, Svrack & Przybeck, 1993).

Estes tendem a ser cautelosos, nervosos, negativistas e preocupados mesmo em situações que não seria espectável, quando se verificam baixos níveis nesta dimensão, tendem a ser descontraídos e otimistas. (Veríssimo, 2008).

O evitamento ao perigo (HA) é constituído por quatro facetas: Ansiedade antecipatória (HA1), quando a relação é positiva os indivíduos são prudentes e antecipam possíveis situações nocivas, quando relacionados negativamente são desinibidos e otimistas; Medo da incerteza (HA2), quando a relação é positiva os sujeitos são inibidos face a pequenos riscos e excessivamente negativistas, quando a relacionado negativamente o individuo é distraído e confiante; Timidez (HA3) quando positivamente relacionados, são inibidos e tímidos com estranhos, quando a faceta é negativamente relacionada o individuo é desinibido; Fadiga (HA4), relacionamento positivo, o individuo tende ao cansaço e por isso limita as suas atividades, sempre que relacionado negativamente, é energético e forte (Verissimo, 2008).

O domínio dependência da recompensa (RD) é a base genética para as atitudes socialmente emotivas e que traduz a disposição para dependência comportamental face a situações percebidas como gratificantes e aprovação dos outros (Preiss & Klose,2001).

Os indivíduos com dependência de recompensa elevada são em geral simpáticos, carentes emocionalmente, muito sensíveis e necessitam de reforço; com resultados baixos são cínicos, práticos e não se envolvem emocionalmente (Veríssimo, 2008).

Este domínio é formado por quatro facetas: Sentimentalismo (RD1), quando relacionados positivamente os indivíduos são emotivos e choram facilmente, quando relacionados negativamente são insensíveis e emocionalmente distantes; Abertura à comunicação (RD2) quando a ligação é positiva os sujeitos têm facilidade em falarem de si, do que pensam e do que sentem; Ligação e amizade (RD3), quando a relação é positiva, os indivíduos revelam ser ambiciosos, esforçados, e quando relacionados negativamente, são indiferentes e independentes; Dependência (RD4), quando relacionados positivamente são muito dependentes do suporte afetivo, quando a relação é negativa são autônomos e inconformistas (Veríssimo,2008).

Por último, o domínio Persistência (PS) que surgiu posteriormente porque era considerado parte integrante do domínio dependência e recompensa (RD) e é considerado como a manutenção da persistência por parte do individuo mesmo perante o cansaço e a frustração (Cloninger, Svrack & Przybeck,1993).

Este domínio é também constituído por quatro facetas: Resistência ao esforço (PS1), Trabalho (PS2); Ambição (PS3) e Perfeccionismo (PS4). Neste domínio os indivíduos caracterizam-se por serem perseverantes, e quando a relação é negativa, são indecisos (Veríssimo,2008).

O carácter é apontado como a parte da personalidade que integra aspetos que não estão correlacionados com o temperamento (Cloninger, Svrack & Przybeck,1993).

Dizendo respeito às dinâmicas globais que o sujeito mantém com o mundo, tais como, as relações interpessoais, auto consideração, liderança, entre outras (Gonçalves e Cloninger,2009).

O caráter permite que o indivíduo se oriente e encontre respostas para os conflitos emocionais, sendo mais consciente. É constituído por três domínios: Determinação (SD); Cooperação (CO) e Auto- Transcendência (ST) (Zohar, 2007).

O domínio Determinação (SD) é o maior determinante da presença ou ausência de perturbações da personalidade (Cloninger et al,1993) e refere-se à capacidade que o indivíduo tem de ser realista e de permanecer perante as suas metas e ideais, bem como regulação das suas atitudes. Está também relacionado com o tipo de personalidade honesta e muito intuitiva, pois segundo diversos estudos, estes indivíduos que apresentam baixa determinação (SD), sofrem frequentemente de depressão e de perturbações de personalidade (Preiss & Klose, 2001).

Quando relacionado positivamente os indivíduos possuem características de controlo e regulação e adequação dos seus comportamentos de acordo com os seus objetivos, quando relacionados negativamente, tornam-se indivíduos desajustados, com sentimentos de inferioridade e incapazes de definir objetivos (Kenzo,2003; Verisimo,2008).

Este domínio é composto por quatro facetas: Responsabilidade (SD1),quando relacionados positivamente os indivíduos são responsáveis, quando relacionado negativamente têm grande tendência para a repressão; Orientação para objetivos (SD2),quando relacionado positivamente o indivíduo apresenta um empenho positivo e em relação aos seus objetivos, quando relacionado negativamente o indivíduo manifesta ausência de objetivos orientadores; Recursos (SD3), quando relacionado positivamente o indivíduo é confiante, quando relacionado negativamente o indivíduo apresenta inércia e letargia; Auto- aceitação (SD4), quando relacionado positivamente o indivíduo tem auto estima, quando relacionado negativamente exibe esforço pessoal.

O domínio Cooperação (CO) classifica a intensidade com a qual o indivíduo se identifica com os outros e se considera parte integrante da sociedade, estando associado a traços de personalidade generosos, tolerantes, agradável versus egoístas, intransigentes e quando se verificam níveis baixos de cooperação (CO) estão relacionados com perturbações de ansiedade tal como a determinação (SD) (Cloninger, Svack & Przybeck, 1993).

Este domínio é composto por quatro facetas: Aceitação Social (CO1), relacionado positivamente a indivíduos indulgentes, e negativamente a indivíduos intransigentes;

Empatia (CO2) o indivíduo pode revelar empatia, negatividade e ser anti-social; Altruísmo (CO3) associado à delicadeza, quando a relação é positiva e negativa; Compaixão e Valores (CO4), quando relacionado positivamente, o indivíduo manifesta boa formação e princípios, quando relacionado negativamente o indivíduo pode ser vingativo (Veríssimo, 2008).

O domínio Auto-Transcendência (ST) refere-se à intensidade com que o indivíduo se considera parte integrante de um todo unificado. Os indivíduos com auto transcendência alta são humildes, realizados e alegres, com auto transcendência baixa são indivíduos materialistas, objetivos e adaptados socialmente (Cloninger, Svack & Przybeck, 1993).

Este domínio é composto por duas facetas: Fantasia e imaginação (ST1), que está relacionado positivamente com a crença religiosa, o desejo íntimo de ser imoral, e quando relacionado negativamente o indivíduo torna-se materialista racional; Espiritualidade (ST2) quando está positivamente relacionado os indivíduos são alheados intencionalmente, e negativamente relacionado à vivência consciencializada (Veríssimo, 2008).

Num estudo estudo de Hemphälä, (2012), com o objetivo de validar dois instrumentos da personalidade, o inventário HP5i (Health-Relevant Personality Inventory) e o *JTCI* (*Junior Temperament and Character Inventory*) em adolescentes com problemas de consumo de substâncias, encontram convergência na validade em que a afetividade negativa (HP5i) e o evitamento do perigo (*JTCI*), traços que medem emoções negativas, foram correlacionadas com sintomas de internalização; enquanto os traços impulsividade (HP5i) e a procura de novidade (*JTCI*), foram correlacionadas com sintomas de externalização. Em suma, ambos os instrumentos podem ser utilizados em amostras clínicas de adolescentes, para incluir a avaliação da personalidade.

Também Nunes et al, (2010) consideram que a faceta vulnerabilidade avalia a fragilidade emocional que decorre da percepção do indivíduo; assim, o medo de perder alguém em função dos erros cometidos é elevado. Indivíduos com elevada vulnerabilidade tendem a agir de forma a agradar aos outros; indivíduos com baixa vulnerabilidade podem possuir um elevado grau de individualismo e independência emocional, que podem ser acompanhados por falta de sensibilidade em relação aos sentimentos dos outros, não se preocupando com a opinião destes. A instabilidade

emocional retrata a forma como os indivíduos se vêem como irritáveis, nervosos e propensos a oscilações do humor sem motivo aparente; quando os indivíduos têm elevada instabilidade emocional, tendem a tomar decisões impulsivas e precipitadas quando se sentem emocionalmente desconfortáveis, apresentando dificuldade em controlar os sentimentos negativos, e têm baixa tolerância a frustrações.

1.3- Adolescência

A adolescência é vista por Allen, Moore, Kuperminc e Bell (1998), como uma etapa do desenvolvimento, na qual, as mudanças biológicas, mentais e sociais são especialmente evidentes.

É nos primeiros dezoito anos de vida que ocorrem as mudanças mais profundas no desenvolvimento físico, cognitivo e social do ser humano. O desenvolvimento da criança até à adolescência é um processo essencialmente social e a família é o contexto social central onde esse desenvolvimento ocorre (Carr,2014).

As famílias são sistemas sociais únicos, e os seus elementos estão ligados por laços biológicos, afetivos, geográficos e históricos. A entrada para o sistema familiar acontece aquando o nascimento da criança e cada membro familiar desempenha um papel específico, como a proteção e educação, e o relacionamento destes elementos são primordiais e insubstituíveis (Ramalho,2009).

Com a monoparentalidade, a separação e o divórcio, a definição tradicional de família deixou de ser útil para a prática clínica do psicólogo (Wash, 2003;Carr,2014). Segundo estes autores, torna-se assim mais proveitoso pensar na família como uma rede de indivíduos que fazem parte do contexto psicossocial da criança. Tal pode incluir membros que habitam com a criança e outros que, embora não façam parte do agregado familiar, desempenham um papel significativo na sua vida, por exemplo, um progenitor que vive com outra pessoa com quem a criança tem contacto regular, uma avó que proporciona cuidados diários informais,etc.

Na prática clínica, a principal preocupação é perceber até que ponto esta rede satisfaz as necessidades de desenvolvimento da criança e adolescente.

Paradoxalmente, apesar das limitações de um modelo tradicional de estrutura familiar, os modelos mais úteis do ciclo da vida familiar são baseados na família nuclear

tradicional normativa, sendo os outros formatos conceitualizados como desvios a essa norma (Carter & McGoldrick,1999; Walsh, 2003; Carr,2014).

É na adolescência que os relacionamentos pais/filhos requerem um reajuste que permita aos adolescentes o desenvolvimento de uma maior autonomia, permitindo maior liberdade, ou seja, a família com filhos adolescentes deve elaborar uma renegociação de regras e dos papéis familiares (Santos,2003).

É frequente ocorrerem dificuldades psicológicas durante os períodos de transição do ciclo da vida, nomeadamente no período da adolescência. Segundo um estudo de Olson,1993, cit. in Carr 2006, constatou-se que o bem-estar é maior durante as fases iniciais e mais avançadas do ciclo de vida familiar, enquanto os anos da adolescência dos filhos estão associados a níveis de stress mais elevados. O desenvolvimento, nas suas dimensões física, cognitiva e social, ocorre no contexto do ciclo de vida da família, deve ser conceitualizado por um conjunto de etapas, cada uma caracterizada por uma série de tarefas que todos os seus membros devem concluir, para progredir para a fase seguinte.

Um dos aspetos mais relevantes da adolescência prende-se com os fenómenos socioculturais, no qual o comportamento do adolescente é fortemente influenciado pelos meios sociais onde se insere, nomeadamente, pais, amigos e cultura (Senna & Dessen, 2012).

Em relação ao desenvolvimento psicológico do adolescente, Figueiredo, Ferronha, Vaz, Costa e Fleming (1983) consideram, que existem mudanças com consequências intrapsíquicas e intrafamiliares de conflitos: desejo de autonomia versus dependência, obediência versus desobediência e entre os ideais intrafamiliares versus extrafamiliares.

Estas mudanças significam que já tem capacidade para tolerar melhor a diminuição da intensidade da relação afetiva entre adolescente e progenitores. Para estes autores o desejo de autonomia na adolescência surge precocemente, antes da diminuição da obediência e idealização do progenitor do mesmo sexo (Figueiredo et al,1983).

Na adolescência, as relações com os colegas aumentam de importância. No entanto, os pais geralmente continuam a desempenhar um papel importante (Moretti & Paled, 2004).

Alguns estudos longitudinais indicam ainda um grau substancial de estabilidade de diferenças inter individuais em estilos de vinculação desde a infância até à adolescência (Main & Cassidy, 1988; Hamilton, 2000; McConell & Moss, 2011).

Através desses estudos, os dados permitem a noção de que a vinculação segura é um preditor de saúde psicossocial na adolescência, que protege contra a ansiedade (Cooper, Shaver, & Collins, 1998), depressão (Cooper et al., 1998; Rönnlund & Karlsson, 2006) e agressão e delinquência (Allen et al., 2002; Rönnlund & Karlsson, 2006).

1.4-Vinculação e Personalidade em adolescentes

As interpretações desenvolvimentais clássicas sobre a adolescência postulavam que o distanciamento físico dos pais traduziria um enfraquecimento da vinculação, enquanto os estudos contemporâneos sugerem que as interpretações que sustentam a inevitabilidade ou normatividade dos antagonismos marcados estão refutadas (Geuzaine, Debry & Liesens, 2000).

Bowlby (1969) definiu a personalidade como uma estrutura que está em constante desenvolvimento ao longo de uma determinada trajetória, entre diversas possibilidades. Durante os primeiros anos, os processos psicológicos do sujeito, ligados à estrutura da personalidade, apresentam maior sensibilidade ao meio, sobretudo ao meio familiar, no entanto, esta sensibilidade tende a diminuir ao longo da infância, sendo bastante limitada no final da adolescência.

Segundo Salvaterra (2011) determinadas ocorrências na vida podem interferir com o desenvolvimento da personalidade, nomeadamente, a forma como os pais desempenham o seu papel de prestadores de cuidado e o tipo de vinculação estabelecida. A qualidade da vinculação irá funcionar como base segura, disponível e acessível para a criança, constituindo condições favoráveis para que a esta seja segura, confiante em si própria e nos outros, ativa e responsável (Salvaterra, 2011).

O estudo das implicações da vinculação ao longo da vida continua a suscitar inúmeras questões, nomeadamente quando relacionados os temas: Vinculação e Personalidade.

Sendo assim de elevada relevância perceber como diversos autores definiram Personalidade e de que forma estas duas variáveis se relacionam.

Sullivan (1953) terá concluído que as relações interpessoais são constituintes da base da personalidade.

Para Winnicott (2002) a tendência antissocial está intimamente ligada à privação na infância, ou seja, o percurso desenvolvimental que a criança percorre liga-se à qualidade da relação de vinculação estabelecida, primeiramente com a mãe/cuidadora e posteriormente com as figuras significativas.

Outros investigadores ligam a variável personalidade à vinculação, e nos seus estudos avaliam os seguintes domínios: auto-estima (Lemery, Golsmith, Klinnert, 1999), relacionamento interpessoal, adequação social, psicopatologia e sentimentos depressivos (Berry & Everett, 2001; Carnelley, Pietromonaco & Jaffe, 1994; Crowell & Treboux, 1995; La Guardia, Ryan, Couchman & Deci, 2000; Overbeek, Vollebergh, Engels & Meeus, 2003).

Como também afirmam Sprinthal e Collins (1999) a autoconfiança, o autocontrolo, a curiosidade e a satisfação eram características presentes nas crianças com um estilo parental mais democrático que favorecem a responsabilidade e internalização de normas. Para estes autores, crianças pertencentes a famílias autoritárias eram submissas e dependentes, pouco responsáveis e sem objetivos definidos. Aquando um estilo parental mais permissivo, as crianças apresentavam altos índices de autoconfiança e independentes, apresentando igualmente uma menor responsabilidade social e menor orientação para o objetivo.

Nesta perspetiva, parece pertinente remontar à teoria da vinculação, onde se compreende que o ser humano acarreta uma predisposição intrínseca para o estabelecimento de laços de afetividade que tendem a prolongar-se ao longo do tempo, salientando a qualidade da relação que se estabelece com as figuras primordiais de cuidado, onde estão patentes características de procura de proximidade, podem ocasionar bases seguras (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988).

Deste modo, a qualidade das relações estabelecidas parece constituir um elemento determinante para desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes, facilitando-os na exploração do mundo exterior e na construção da sua autonomia e identidade (Antunes & Fontaine, 2005; Costa & Mota, 2012; Mota, Costa, & Matos, 2015).

Tendo por base as relações afetivas de proximidade com as figuras significativas, torna-se passível afirmar que o suporte social se constitui como parte integrante do contexto por excelência para o desenvolvimento e ajustamento social dos indivíduos, surgindo assim como uma variável influente nos planos, interesses e orientações futuras dos jovens adolescentes (Silva, Melo, & Mota, 2016).

Uma rutura nos seus relacionamentos parece resultar numa desorganização nas vivências dos jovens, deixando-os mais vulneráveis e suscetíveis de problemas de foro emocional (Sarason & Sarason, 2009).

Ao longo da adolescência, novas experiências de vinculação aos pais se manifestarão em modificações que se devem a fenómenos como alterações (para o “bem” e para o “mal”) na qualidade da relação entre adolescentes-pais, e ao alargamento relacional e desenvolvimento cognitivo que, face à maior capacidade para integrar diferentes perspetivas, podem facilitar o repensar as relações passadas (Allen & Land, 1999).

Os estudos sobre este tema reforçam o papel protetor da vinculação segura ao mostrar continuamente que os adolescentes mais adaptados são os que recorrem aos pais em momentos de dificuldades (Larose, Bernier & Tarabulsky, 2005).

Esses estudos têm vindo a revelar também que a mãe é a figura escolhida como “fonte primária de segurança”, mesmo que outros, e.g. pares ou parceiros românticos (quando os há) cumpram funções também ligadas às necessidades de vinculação (e.g. busca de proximidade) (Markiewicz, Lawford, Doyle & Haggart, 2006).

Num estudo de Wan Shahrazad,;Kadir, N.; Omar, F. & Halim, F.(2015) com o objetivo de avaliar a relação entre os traços de personalidade, estilo de vinculação e satisfação com a vida entre adolescentes, indica que os adolescentes que mostram satisfação com a vida foram aqueles que possuem estabilidade emocional, extrovertida, aberta e conscienciosa.

Segundo Rocha, Mota e Matos (2011) na adolescência, a escolha dos pares ou do par amoroso pode representar um reflexo disto mesmo, na medida em que parece existir uma procura de elementos significativos de si nos outros significativos, confirmando deste modo o modelo de segurança nas relações pessoais e na construção de bases seguras noutros domínios relacionais.

Foi de extrema importância o estudo de Moreira, Oliveira, Cloninger, Azevedo, Sousa, Cloninger e Castro (2012), aquando realizaram um estudo com 801 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, em escolas do norte de Portugal. Os objetivos deste estudo foram, primeiro, avaliar as propriedades psicométricas do Inventário de Temperamento e Caracteres Júnior (*JTCI*) em adolescentes em Portugal, e segundo, comprovar a validade do inventário do modelo psicobiológico de Cloninger perante outros inventários, nomeadamente o Neo Personality Inventory Revised (NEO-PI-R) e o Cattell's 16- personality factor inventory (16 PF).

Chotai, Jonasson, Hägglöf, & Adolfsson (2005), realizaram um estudo com 426 estudantes de escolas secundárias do norte da Suécia, com idades entre 13 e 18, 232 do sexo feminino e 194 do sexo masculino, em que exploraram as relações entre a personalidade (avaliada pelo *JTCI* de Cloninger) e a vinculação (avaliada pelo Attachment Style Questionnaire de Feeney et al., 1994). Neste estudo os resultados mostraram que o estilo de vinculação seguro foi correlacionado de forma significativamente negativa com o traço de personalidade Evitamento do Perigo (HA), mas correlacionado significativamente positivo com os traços de personalidade Procura de Novidade (NS), Dependência de recompensa (RD), Cooperação (CO) e “Auto transcendência (ST)”. Revelaram também que o estilo de vinculação ansioso- ambivalente esteve correlacionado de forma significativamente positiva com “Evitamento ao perigo (HA) e Procura de novidade (NS), mas correlacionado negativamente com Determinação (SD). A categoria medo-evitativo correlacionou-se significativamente negativa com “Procura de novidade (NS)”.

Um outro estudo de Wan Shahrazad, Nor Ba'yah ,Omar & Halim (2015) pretendia verificar a relação entre a personalidade, vinculação e a satisfação com a vida dos adolescentes. Participaram um total de 315 adolescentes com idade entre 18 a 21 anos de idade e um dos principais objetivos deste estudo foi verificar a relação entre personalidade (avaliada pelo NEO-FFI) e a vinculação (avaliada pelo ASQ). Os resultados mostraram que houve relações significativas entre a maioria dos traços de personalidade com os estilos de vinculação. Em conclusão, os adolescentes que estavam satisfeitos com as suas vidas foram aqueles que têm traços de personalidade de extroversão, abertura e conscienciosidade e estilo de vinculação seguro.

2. Metodologia

Nesta parte será apresentada a descrição da metodologia científica, nomeadamente, a descrição dos participantes, os instrumentos utilizados e os respetivos procedimentos.

O tipo de estudo efetuado foi segundo a terminologia de Montero & Leon (2007), do tipo *Expós Facto*, prospetivo. Assim a questão da presente investigação é: Existe relação entre a vinculação e a personalidade em adolescentes?

E as hipóteses formuladas foram as seguintes:

H0: A vinculação e a personalidade em adolescentes não estão correlacionadas.

H1: A vinculação e a personalidade em adolescentes estão relacionadas.

A análise estatística foi uma análise correlacional de Spearman e teste Mann Whitney para diferenças de médias, efetuada com o programa Statistical Package For The Social Sciences (SPSS), versão 23.

2.1- Participantes

Os critérios definidos para a inclusão na amostra foram, ser adolescente com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos de idade. Como critério de exclusão a existência de défice cognitivo identificado.

Todos os encarregados de educação dos participantes assinaram o consentimento informado para a participação do seu educando.

Utilizou-se uma amostra por conveniência da qual fizeram parte 350 adolescentes ($n=350$), 170 do sexo masculino (48,6%) e 180 do sexo feminino (51,4%), com idades compreendidas entre os 11 anos e os 18 anos (ver Tabela 1). No que concerne à idade, 0,3% da amostra tem 11 anos de idade, 12,6% tem 12 anos de idade, 10% tem 13 anos de idade, 17,7% tem 14 anos de idade, 19,7% tem 15 anos de idade, 20% tem 16 anos de idade, 14,3% tem 17 anos de idade e 5,4% tem 18 anos de idade. Assim, a amostra apresenta uma idade média de 14,8 anos ($DP= 1,73$). Os participantes pertencem a instituições de Amarante e Vila Nova de Gaia. A escolaridade dos participantes é composta por graus de escolaridade compreendidos entre o sexto ano de escolaridade e a licenciatura, sendo que 4,3% frequenta o sexto ano de escolaridade, 14,6% frequenta o

sétimo ano de escolaridade, 13,1% frequenta o oitavo ano de escolaridade, 19,7% frequenta o nono ano de escolaridade, 21,1% frequenta o décimo ano de escolaridade, 20,9% frequenta o décimo primeiro ano de escolaridade, 5,7% frequenta o décimo segundo ano de escolaridade e 0,6% frequenta a licenciatura.

Tabela 1
Descrição sociodemográfica dos participantes

Variável	N	%	
Sexo			
Masculino	170	48.6	
Feminino	180	51.4	
Idade			
11 anos	1	.3	M= 14.8829
12 anos	44	12.6	DP= 1.73469
13 anos	35	10.0	Min= 11,.0
14 anos	62	17.7	Max= 18.00
15 anos	69	19.7	
16 anos	70	20.0	
17 anos	50	14.3	
18 anos	19	5.4	
Ano de escolaridade			
6º ano	15	4.3	
7º ano	51	14.6	
8º ano	46	13.1	
9º ano	69	19.7	
10º ano	74	21.1	
11º ano	73	20.9	
12º ano	20	5.7	
Licenciatura	2	.6	
Idade do Pai	M= 46.21; DP = 5.60; Min = 31.00; Max = 65.00		
Idade da Mãe	M= 43.43; DP= 5.15; Min= 30.00 Max= 6.00		
Estado civil dos pais			
casados	296	84.6	
divorciados	48	13.7	
viúvos	6	1.7	
Tem irmãos?			
Sim	276	78,9	
Não	73	20,9	

2.2 Instrumentos

Após a obtenção da autorização, por parte das entidades responsáveis, e do consentimento informado dos pais dos participantes neste estudo, foram administrados os seguintes instrumentos para avaliar as variáveis em estudo:

2.2.1 Questionário sociodemográfico

Trata-se de um questionário onde foram colocadas questões sociodemográficas, tais como: idade, género, com quem vive, estado civil dos pais, número de irmãos, idade dos pais, escolaridade e profissão dos pais.

2.2.2 Vinculação

IPPA: Inventory of Parent and Peer Attachment

Este instrumento é a versão Portuguesa adaptada do *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)* desenvolvido por Armsden e Greenberg em 1987 e adaptado para a população portuguesa em 1999 por Neves, Soares e Silva. O IPPA avalia as dimensões cognitive-afetivas da vinculação dos adolescentes relativamente aos pais (e pares – na versão completa da escala de Armsden & Greenberg, 1987).

As análises fatoriais distinguem três subescalas relativas à representação da vinculação aos pais: sub-escala de *Confiança* avaliando sentimentos de confiança, compreensão mutual e respeito (i.e. “Os meus pais/amigos respeitam os meus sentimentos”); sub-escala de *Comunicação* medindo a extensão e qualidade da comunicação verbal (i.e. “Conto aos meus pais/amigos o que me preocupa”); e sub-escala de *Alienação* ou *Zanga* que diz respeito aos sentimentos de alheamento e isolamento interpessoal (i.e. “Os meus pais/amigos não compreendem o que atualmente se passa comigo”). Cada item é cotado através de uma escala de Likert de 5 pontos: “Quase nunca ou nunca”, “Raramente”, “Algumas vezes”, “Muitas vezes” e “Quase sempre” ou “sempre”.

O instrumento avalia a segurança/insegurança ressentida na relação com as figuras significativas (pais ou pares) (Armsden & Greenberg, 1987). (Neste estudo não se realizou a secção correspondente à vinculação aos amigos).

Os itens podem ser cotados positivamente, remetendo para a sensação de confiança e segurança em relação às expectativas de que as figuras de vinculação compreendem as necessidades do próprio, assim como os pais são recetivos aos seus estados emocionais e lhe darão apoio. São cotados negativamente os itens que remetem para sentimentos de raiva, afastamento emocional ou de incompreensão dos pais para consigo (Machado & Oliveira, 2007).

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001)

QVPM é um instrumento de autorrelato desenvolvido por Matos e Costa (2001) tendo por base as teorias de John Bowlby e Mary Ainsworth, destinado a avaliar as representações que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente à qualidade da sua vinculação com cada uma das suas figuras parentais. Este instrumento permite assim aceder à vinculação numa abordagem dimensional (com itens construídos de acordo com seis dimensões conceptuais da vinculação: procura de proximidade, o porto seguro, a ansiedade de separação, o medo da perda, a admiração e a base segura). Contudo, dado que a sua construção se fundamenta também numa abordagem prototípica, é possível, mediante procedimentos de análise de clusters, obter os quatro padrões de vinculação de Bartholomew (seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado).

O *QVPM* é composto por 30 itens que se organizam em torno de uma estrutura de 3 fatores constituídos por 10 itens cada: *Inibição da Exploração e Individualidade* (IEI), *Qualidade do Laço Emocional* (QLE;) e *Ansiedade de Separação e Dependência* (ASD). Os itens que constituem o fator IEI (itens 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27 e 30) procuram avaliar a perceção do indivíduo relativamente às restrições à expressão da individualidade própria (i.e., Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.). O fator QLE (itens 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28) reporta para a importância das figuras parentais, enquanto figuras de vinculação, percebidas como essenciais e únicas para o seu desenvolvimento, às quais o indivíduo fará apelo em situações de dificuldade e com quem projeta uma relação duradoura (i.e., Confio nos meus pais para me apoiarem nos momentos difíceis da minha vida.). Os itens do fator ASD (itens 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 26 e 29) permitem aceder à perceção do indivíduo relativamente a experiências de ansiedade e medo da separação das figuras de vinculação (i.e., Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.). As respostas ao questionário são

efetuadas através do uso de uma escala de tipo Likert de seis pontos, de acordo com aquilo que os jovens pensam e sentem acerca de cada um dos seus progenitores (1- “Discordo totalmente e 6- Concordo totalmente”).

As qualidades psicométricas deste instrumento têm sido testadas com diversas amostras independentes, tendo sido evidenciado indicadores de validade e fiabilidade adequados (Matos & Costa, 2004, citado por Moura & Matos, 2008).

2.2.3- Personalidade

Inventário do Temperamento e Carácter – Júnior (JTCI)

O *Inventário do Temperamento e Carácter – Júnior (JTCI)* foi desenvolvido tendo por base o modelo da personalidade de Cloninger, para avaliação das dimensões de temperamento e carácter em crianças e adolescentes (Cloninger et al, 1999).

O *JTCI* original é um inventário de 108 itens onde foi utilizado o formato de respostas verdadeiro- falso de forma a simplificar as respostas de crianças e jovens (Luby et al, 1999).

A adaptação deste inventário à população portuguesa foi realizada com 801 estudantes de escolas da zona Norte do país, na faixa etária compreendida entre os 12 e os 18 anos, constituindo-se um estudo normativo, exploratório e descritivo da personalidade. A versão em português do *JTCI* obteve boas propriedades psicométricas, boa validade de constructo mostrando perfis únicos de correlações significativas com outros testes de personalidade tendo uma consistência interna moderada a forte em todas as dimensões, independentemente do género. As confiabilidades de procura de novidade, determinação e cooperação foram fortes (0,76- 0,82), e todas as outras foram superiores a 0,60, exceto para a dependência de recompensa (0,57) (Moreira et al, 2012).

O *JTCI* é um inventário de 127 itens de autopreenchimento para crianças e adolescentes, para pais e professores.

Os itens são classificados numa escala de Likert com 5 opções: “Completamente Falso”; “Maioritariamente Falso”; “Eu não consigo decidir!”; “Maioritariamente Verdadeiro” e “Completamente Verdadeiro”.

Inclui 26 subescalas (facetadas), agrupadas em quatro dimensões de Temperamento: *Procura de Novidade* (NS; 4 subescalas); *Evitamento de Perigo* (HA; 4 subescalas); *Dependência de Recompensa* (RD; 4 subescalas) e *Persistência* (PS; 4 subescalas), e três dimensões de Carácter: *Auto-Diretividade* (SD; 4 subescalas); *Cooperação* (CO, 4 subescalas) e *Auto Transcendência* (ST; 2 subescalas). De seguida mencionam-se as facetadas das quatro dimensões do Temperamento, acompanhadas de uma questão (exemplo) do inventário: *Procura de Novidade*: NS1: *Excitabilidade Exploratória* (e.g. “Não tenho medo de experiências assustadoras como andar numa montanha russa gigante”), NS2: *Impulsividade* (e.g. “Detesto esperar por coisas que eu quero”, NS3: *Extravagância* (e.g. “Gostaria de ter roupas melhores que as dos meus amigos”) e NS4: *Desordem* (e.g. “Conseguo fazer com que os outros jovens acreditem em mim quando estou a mentir”). *Evitamento de Perigo*: HA1: *Ansiedade antecipatória* (e.g. “Não tenho grande esperança no futuro”), HA2: *Medo da incerteza* (e.g. “Quando fico doente, fico muito assustado”), HA3: *Timidez* [e.g. “Fico nervoso(a) quando tenho de falar em frente a pessoas (por exemplo, falar em frente da turma)”] e HA4: *Fadiga* (e.g. “A seguir à escola, prefiro descansar do que sair para me divertir”). *Dependência de recompensa*: RD1: *Sentimentalismo* (e.g. “Sou uma pessoa sensível”); RD2: *Abertura à comunicação* (e.g. “Gostaria de ter mais privacidade”); RD3: *Apego* (e.g. “É importante que pensem que sou boa pessoas”) e RD4: *Dependência* (e.g. “Raramente gosto de ficar sozinho”). *Persistência*: PS1: *Resistência ao esforço* (e.g. “Não gosto de me esforçar se não for preciso”), PS2: *Trabalho* (e.g. “Quanto mais fácil é uma coisa, mais eu gosto de fazê-la”), PS3: *Ambição* (e.g. “Costumo dar o meu melhor em tudo que faço”) e PS4: *Perfeccionismo* (e.g. “Não me preocupo muito com as minhas notas”).

As dimensões dos instrumentos utilizados obtiveram, no presente estudo, valores de consistência interna adequados, determinados pelo cálculo do alfa de Cronbach, os quais podem ser observados na tabela 2. Na análise da consistência interna dos fatores, foi possível verificar que os coeficientes de alfa de Cronbach foram elevados, oscilando entre .78 (*Alienação_Pai*) e .94 (*Qualidade do laço emocional_Mãe*), o que revela a boa consistência interna das escalas.

Tabela 2.

Consistência interna das dimensões de vinculação no presente estudo

Dimensão	Nº itens	α de Cronbach
IPPA Mãe		
Comunicação	9	.876
Confiança	10	.878
Alienação	6	.772
IPPA Total	25	.930
IPPA Pai		
Comunicação	9	.846
Confiança	10	.840
Alienação	6	.783
IPPA Total	25	.914
QVPM Mãe		
Inibição da Exploração e Independência	10	.788
Qualidade do Laço Emocional	10	.943
Ansiedade de Separação	10	.838
QVPM Pai		
Inibição da Exploração e Independência	10	.800
Qualidade do Laço Emocional	10	.912
Ansiedade de Separação	10	.811

2.3- Procedimentos

No que se refere aos procedimentos de recolha de dados, trata-se de uma amostra por conveniência e de efeito “bola de neve”, pois contataram-se outros sujeitos através de outros indivíduos. A recolha da amostra decorreu entre o mês de Outubro de 2016 e o mês de Maio de 2017. Procedeu-se ao pedido de autorização da Comissão da Proteção de Dados e à Direção Geral de Educação com o objetivo de administrar os questionários em escolas públicas. Os procedimentos ao longo deste estudo tiveram em conta os pressupostos éticos subjacentes à prática da investigação. Os dados foram recolhidos com o consentimento dos Conselhos Executivos das escolas, assim como foi solicitado o consentimento informado dos progenitores para a participação, no estudo, dos filhos menores. Para o efeito, todos eles foram informados acerca dos objetivos do estudo e da confidencialidade das suas respostas, não sendo em nenhum momento pedidos quaisquer dados pessoais identificativos, garantindo, assim, o anonimato.

Relativamente aos procedimentos estatísticos, após a recolha de dados, procedeu-se à sua introdução e análise através do programa Statistical Package Social Sciences (SPSS), versão 23.

Num primeiro momento, procedeu-se à estatística descritiva e à verificação da normalidade das dimensões do estudo recorrendo ao cálculo de testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov. Foram, posteriormente conduzidas as análises correlacionais e efetuados teste de diferenças de médias em função do género para as dimensões da vinculação e personalidade.

3.Resultados

3.1 Análise da Normalidade

Foram conduzidos testes de Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade da distribuição nas dimensões da vinculação e da personalidade. Os resultados dos testes de normalidade, apresentados na tabela 3, revelam que apenas as dimensões Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai, Procura de Novidade e Persistência apresentam distribuição normal, sendo que todas as restantes violam a normalidade da distribuição. Face à violação da normalidade da distribuição de maioria das dimensões em estudo, optou-se pela estatística não-paramétrica. Deste modo, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman e o teste de Mann-Whitney.

Tabela 3
Testes de Normalidade Kolmogorov-Smirnovov

	K-S	gl	P
Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai	.042	336	.200
Qualidade do laço Emocional_Pai	.215	336	.000
Ansiedade de Separação_Pai	.069	336	.001
Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe	.059	336	.006
Qualidade do Laço Emocional_Mãe	.221	336	.000
Ansiedade de Separação_Mãe	.061	336	.004
Comunicação_Pai	.079	336	.000
Confiança_Pai	.127	336	.000
Alienação_Pai	.095	336	.000
IPPA_Total_Pai	.098	336	.000
Comunicação_Mãe	.055	336	.017
Confiança_Mãe	.103	336	.000
Alienação_Mãe	.078	336	.000
IPPA_Total_Mãe	.092	336	.000
Excitabilidade exploratória	.085	336	.000

Impulsividade	.074	336	.000
Extravagância	.106	336	.000
Desordem	.060	336	.006
Procura de Novidade	.040	336	.200*
Ansiedade Antecipatória	.083	336	.000
Medo da incerteza	.093	336	.000
Timidez	.063	336	.003
Fadiga	.088	336	.000
Evitamento do Perigo	.066	336	.001
Sentimentalismo	.101	336	.000
Abertura à comunicação	.084	336	.000
Apego	.101	336	.000
Dependência	.111	336	.000
Dependência da Recompensa	.056	336	.012
Trabalho	.081	336	.000
Resistência ao esforço	.082	336	.000
Ambição	.112	336	.000
Perfeccionismo	.073	336	.000
Persistência	.035	336	.200*
Responsabilidade	.084	336	.000
Goal- directedness	.100	336	.000
Recursos	.138	336	.000
Auto aceitação	.081	336	.000
Auto Diretividade	.094	336	.000
Aceitação Social	.084	336	.000
Empatia	.118	336	.000
Helpfulness	.257	336	.000
Consciência e Valores	.111	336	.000
Cooperatividade	.084	336	.000
Fantasia e Imaginação	.067	336	.001
Espiritualidade	.112	336	.000
Auto-Transcendência	.054	336	.019

3.2. Análises correlacionais

Para as análises correlacionais das dimensões em estudo (tabelas 4 e 5), recorreu-se ao Coeficiente de Correlação de Spearman. Da análise da tabela 4, verifica-se que a magnitude das correlações obtidas entre as dimensões do IPPA e do QVPM não são sobreponíveis, complementando a informação relativa à vinculação. As dimensões Inibição da Exploração da Individualidade, quer relativa ao pai quer relativa à mãe) correlacionam-se negativa e significativamente com as dimensões Comunicação_Pai, Confiança_Pai, Alienação_Pai, IPPATotal_Pai, Comunicação_Mãe, Confiança_Mãe, Alienação_Mãe, IPPATotal_Mãe. As dimensões Qualidade do Laço Emocional (Pai e Mãe) e Ansiedade de Separação (Pai e Mãe) correlacionam-se de forma positiva e significativa com as dimensões Comunicação_Pai, Confiança_Pai, Alienação_Pai, IPPATotal_Pai, Comunicação_Mãe, Confiança_Mãe, Alienação_Mãe, IPPATotal_Mãe.

Tabela 4.

Correlações de Spearman entre as dimensões da vinculação

Dimensão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1.Inib. Expl. Individualidade_Pai	1.00													
2.Qualidade Laço Emocional_Pai	-.24**	1,00												
3.Ansiedade de Separação_Pai	.10	.57**	1.00											
4.Inib. Expl. Individualidade_Mãe	.79**	-.36**	.021	1.00										
5.Qualidade Laço Emocional_Mãe	-.28**	.79**	.49**	-.37**	1.00									
6.Ansiedade de Separação_Mãe	.05	.38**	.83**	.023	.56**	1.00								
7.Comunicação_Pai	-.30**	.55**	.40**	-.41**	.67**	.61**	1.00							
8.Confiança_Pai	-.39**	.52**	.29**	-.52**	.66**	.40**	.69**	1.00						
9.Alienação_Pai	-.45**	.49**	.16**	-.58**	.58**	.19**	.61**	.60**	1.00					
10.IPPA_Total_Pai	-.18**	.44**	.40**	-.28**	.56**	.49**	.83**	.77**	.26**	1.00				
11.Comunicação_Mãe	-.21**	.63**	.46**	-.30**	.41**	.27**	.58**	.41**	.34**	.51**	1.00			
12.Confiança_Mãe	-.36**	.76**	.47**	-.45**	.57**	.28**	.53**	.59**	.49**	.48**	.75**	1.00		
13.Alienação_Mãe	-.46**	.61**	.25**	-.48**	.49**	.13*	.38**	.41**	.62**	.16**	.57**	.65**	1.00	
14.IPPA_Total_Mãe	-.15**	.62**	.49**	-.26**	.41**	.32**	.58**	.47**	.24**	.60**	.90**	.83**	.35**	1.00

Tabela 5

Correlações de Spearman entre as dimensões da personalidade e da vinculação

	Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai	Qualidade do laço Emocional_Pai	Ansiedade de Separação_Pai	Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe	Qualidade do Laço Emocional_Mãe	Ansiedade de Separação_Mãe	Comunicação_Pai	Confiança_Pai	Alienação_Pai	IPPA_Total_Pai	Comunicação_Mãe	Confiança_Mãe	Alienação_Mãe	IPPA_Total_Mãe
Excitabilidade exploratória	.155**	-.086	-.072	.216**	-.177**	-.118*	-.155**	-.192**	-.240**	-.074	.024	-.096	-.130*	.035
Impulsividade	.182**	-.206**	-.177**	.253**	-.188**	-.131*	-.248**	-.254**	-.304**	-.164**	-.224**	-.265**	-.244**	-.209**
Extravagância	.221**	-.202**	-.089	.305**	-.211**	-.051	-.164**	-.238**	-.318**	-.072	-.180**	-.283**	-.296**	-.163**
Desordem	.217**	-.246**	-.097	.322**	-.195**	-.065	-.182**	-.205**	-.298**	-.084	-.201**	-.240**	-.302**	-.155**
Procura de Novidade	.266**	-.261**	-.150**	.372**	-.265**	-.126*	-.249**	-.293**	-.403**	-.117*	-.201**	-.296**	-.339**	-.163**
Ansiedade Antecipatória	.177**	-.180**	.064	.190**	-.146**	.116*	-.049	-.196**	-.229**	-.042	-.197**	-.249**	-.222**	-.190**
Medo da incerteza	.144**	.011	.208**	.092	.041	.237**	.163**	.017	.054	.111*	.074	.012	-.009	.059
Timidez	.011	-.063	.007	-.028	.001	.017	-.020	-.064	.009	-.078	-.185**	-.107*	-.037	-.180**
Fadiga	.101	-.040	.084	.158**	.017	.136*	.032	-.034	-.094	.065	-.126*	-.140**	-.139*	-.106
Evitamento do Perigo	.144**	-.089	.111*	.135*	-.031	.170**	.044	-.092	-.095	.023	-.151**	-.162**	-.128*	-.147**
Sentimentalismo	.044	.037	.119*	-.013	.092	.145**	.124*	.024	.082	.045	-.114*	-.031	-.023	-.106*
Abertura à comunicação	-.215**	.167**	.116*	-.285**	.194**	.125*	.293**	.256**	.306**	.207**	.250**	.240**	.283**	.192**
Apego	-.201**	.403**	.299**	-.309**	.425**	.290**	.301**	.370**	.362**	.224**	.252**	.398**	.377**	.238**
Dependência	-.097	.141**	.149**	-.117*	.166**	.155**	.126*	.163**	.125*	.109*	.007	.093	.074	.008
Dependência da Recompensa	-.201**	.288**	.248**	-.304**	.342**	.271**	.349**	.319**	.372**	.241**	.158**	.265**	.289**	.123*
Trabalho	-.089	.091	.004	-.188**	.098	-.019	.102	.136*	.145**	.053	.062	.120*	.121*	.053
Resistência ao esforço	-.312**	.237**	.000	-.357**	.233**	-.024	.176**	.274**	.359**	.067	.121*	.230**	.248**	.098
Ambição	-.041	.150**	.104	-.180**	.156**	.107*	.214**	.200**	.185**	.200**	.208**	.211**	.116*	.232**
Perfeccionismo	-.120*	.205**	.154**	-.196**	.195**	.107*	.260**	.199**	.209**	.193**	.189**	.259**	.164**	.213**
Persistência	-.208**	.251**	.078	-.320**	.246**	.047	.255**	.276**	.318**	.159**	.191**	.282**	.241**	.187**
Responsabilidade	.293**	-.151**	-.039	.372**	-.161**	-.010	-.169**	-.243**	-.302**	-.109*	-.119*	-.241**	-.200**	-.136*
Goal-directedness	.173**	-.096	.098	.204**	-.089	.126*	-.067	-.085	-.210**	.014	-.086	-.108*	-.159**	-.047
Recursos	.138*	.077	.220**	.083	.075	.223**	.045	.078	-.084	.170**	.105	.066	-.092	.172**
Auto aceitação	.069	.021	.085	.086	.005	.076	.023	.068	-.067	.117*	.069	.023	-.030	.084
Auto Diretividade	.278**	-.066	.155**	.318**	-.067	.175**	-.085	-.107*	-.246**	.030	-.020	-.108*	-.176**	.012
Aceitação Social	.107*	.080	.061	.089	.090	.061	.005	-.005	-.035	.016	-.005	.024	-.028	.034
Empatia	-.074	.158**	.138*	-.078	.163**	.146**	.123*	.090	.055	.124*	.099	.185**	.072	.145**
Helpfulness	-.002	.169**	.174**	-.020	.208**	.208**	.227**	.190**	.071	.241**	.171**	.205**	-.017	.254**
Consciência e Valores	.278**	-.212**	-.033	.359**	-.214**	.011	-.219**	-.268**	-.341**	-.091	-.122*	-.195**	-.259**	-.064
Cooperatividade	.130*	.085	.127*	.142**	.116*	.171**	.034	-.005	-.098	.097	.027	.073	-.081	.114*
Fantasia e Imaginação	.115*	-.043	.113*	.156**	.013	.174**	.034	-.008	-.140**	.124*	-.092	-.099	-.171**	-.041
Espiritualidade	-.018	.142**	.163**	-.063	.193**	.219**	.171**	.202**	.151**	.165**	.011	.106*	.075	.040
Auto-Transcendência	.066	.042	.156**	.076	.110*	.226**	.104	.106*	-.019	.173**	-.053	-.011	-.073	-.004

* $p < .05$; ** $p < .01$

Da análise da tabela 5, podemos observar que as dimensões da personalidade se correlacionam significativamente com as da vinculação. De um modo mais particular, as quatro dimensões do Temperamento Procura de Novidade, Evitamento do Perigo, Dependência da Recompensa e Persistência e respectivas facetas apresentam maior número de correlações com as dimensões da vinculação comparativamente às dimensões do Caráter Auto-Diretividade, Cooperação e Auto-Transcendência e suas facetas.

No que se refere à dimensão de Procura de Novidade, esta apresenta, tal como todas as suas facetas, correlações positivas e significativas com as dimensões da Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai e Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe. Por outro lado, apresenta correlações negativas e significativas com a Qualidade do Laço Emocional_Pai (à exceção da faceta Excitabilidade Exploratória) e com a Qualidade do Laço Emocional _Mãe. A dimensão Procura de Novidade e a faceta Impulsividade apresentam correlação negativa e significativa com a Ansiedade de Separação_Pai. A Ansiedade de Separação_Mãe correlaciona-se significativa e negativamente com Excitabilidade Exploratória, Impulsividade e Procura de Novidade. As dimensões Comunicação, Confiança e Alienação, relativas quer ao pai quer à mãe, correlacionam-se negativa e significativamente com a dimensão e facetas de Procura de Novidade, salientando-se o valor de correlação de (-.403) entre a Alienação_Pai e Procura de Novidade.

Relativamente à dimensão Evitamento do Perigo, foram obtidos valores de correlação significativos com as dimensões de vinculação, ainda que fracos (inferiores a 0.20). Mais especificamente, a faceta Ansiedade antecipatória correlaciona-se negativa e significativamente com as dimensões Qualidade do Laço Emocional_Pai e Qualidade do Laço Emocional_Mãe. As dimensões Evitamento do Perigo e Medo da Incerteza correlacionam-se positivamente com a Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai. A Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe correlaciona-se positivamente com Ansiedade Antecipatória, Fadiga e Evitamento do Perigo. A Ansiedade de Separação_Pai correlaciona-se positivamente com a dimensão Evitamento do Perigo e a faceta Medo da Incerteza. A Ansiedade de Separação_Mãe correlaciona-se positivamente com o Evitamento do Perigo, a Ansiedade Antecipatória, o Medo da Incerteza e a Fadiga. A dimensão Comunicação_Pai correlaciona-se positivamente com o Medo da incerteza. As dimensões Confiança_Pai e Alienação _Pai obtêm correlação positiva com a faceta Ansiedade Antecipatória. As dimensões Comunicação_Mãe e Confiança_Mãe

correlacionam-se positivamente com a dimensão Evitamento do Perigo e as facetas Ansiedade Antecipatória, Timidez e Fadiga.

A dimensão Dependência da Recompensa, tal como quase todas as suas facetas, apresenta correlações significativas com todas as dimensões da vinculação, negativas com as dimensões Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai e Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe e positivas com as restantes dimensões.

A dimensão Persistência correlaciona-se negativamente com as dimensões Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai e Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe e positivamente com a Qualidade do Laço Emocional_Pai, Qualidade do Laço Emocional_Mãe, Comunicação_Pai, Comunicação_Mãe; Confiança_Pai, Confiança_Mãe, Alienação_Pai e Alienação_Mãe.

A dimensão Auto-Diretividade apresenta valores de correlação positivos com as dimensões de vinculação Inibição da Exploração e Individualidade_Pai, Inibição da Exploração e Individualidade_Mãe, Ansiedade de Separação_Pai e Ansiedade de Separação_Mãe, apresentando valores de correlação negativos com as dimensões Confiança_Pai, Confiança_Mãe, Alienação_Pai e Alienação_Mãe.

A dimensão Cooperatividade apresentou correlações positivas com as dimensões de vinculação Inibição da Exploração e Individualidade_Pai, Inibição da Exploração e Individualidade_Mãe, Ansiedade de Separação_Pai e Ansiedade de Separação_Mãe, Qualidade do Laço Emocional_Pai e Qualidade do Laço Emocional_Mãe.

Por último, a dimensão Auto-Transcendência obteve valores de correlação positiva com as dimensões de vinculação Ansiedade de Separação_Pai, Ansiedade de Separação_Mãe, Qualidade de Laço Emocional_Mãe e Confiança_Pai.

3.3. Análises Diferenciais em função do género

Foram conduzidos testes de Mann-Whitney para averiguar a existência de diferenças em função do género nas dimensões de bem-estar e da vinculação (tabela 6).

Tabela 6

Testes de Mann-Whitney para as dimensões da vinculação e para as dimensões da Personalidade em função do gênero

	Feminino	Masculino	U	P
	Mean Rank (gl)	Mean Rank (gl)		
Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai	164.30 (176)	178.30 (165)	13341.00	.195
Qualidade do laço Emocional_Pai	176.63 (176)	164.99 (165)	15511.00	.273
Ansiedade de Separação_Pai	177.90 (176)	163.64 (165)	15734.00	.182
Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe	165.82 (178)	182.61 (169)	13585.50	.119
Qualidade do Laço Emocional_Mãe	186.33 (178)	161.01 (169)	17236.50	.017
Ansiedade de Separação_Mãe	185.13 (178)	162.28 (169)	17022.00	.034
Comunicação_Pai	180.15 (178)	167.52 (169)	16136.50	.240
Confiança_Pai	176.28 (178)	171.59 (169)	15447.50	.663
Alienação_Pai	181.08 (177)	165.56 (169)	16298.00	.148
IPPA_Total_Pai	172.15 (177)	174.29 (169)	14823.00	.886
Comunicação_Mãe	156.96 (176)	185.98 (165)	12048.50	.007
Confiança_Mãe	169.70 (176)	172.38 (165)	14291.50	.801
Alienação_Mãe	172.70 (176)	169.19 (165)	14819.00	.742
IPPA_Total_Mãe	158.74 (176)	184.08 (165)	12362.00	.018
Excitabilidade exploratória	155.64 (179)	195.38 (170)	11750.00	.000
Impulsividade	177.48 (179)	172.39 (170)	15658.50	.637
Extravagância	178.81 (179)	176.25 (170)	15002.00	.820
Desordem	172.34 (179)	177.80 (170)	14739.50	.613
Procura de Novidade	168.18 (179)	182.18 (170)	13995.00	.195
Ansiedade Antecipatória	198.40 (178)	149.48 (170)	19384.00	.000
Medo da incerteza	187.09 (179)	162.26 (170)	17380.00	.021
Timidez	206.43(179)	140.68 (170)	20840.50	.000
Fadiga	199.65 (179)	149.05 (170)	19626.50	.000
Evitamento do Perigo	208.36 (178)	137.81 (169)	21157.00	.000
Sentimentalismo	228.46 (179)	118.72 (170)	24782.50	.000
Abertura à comunicação	167.21 (179)	183.20 (170)	13820.50	.137
Apego	195.58 (179)	153.33 (170)	18898.50	.000
Dependência	196.40 (179)	152.46 (170)	19046.00	.000
Dependência da Recompensa	211.48 (179)	136.59 (170)	21745.50	.000
Trabalho	186.13 (179)	163.29 (170)	17206.50	.034
Resistência ao esforço	185.95 (179)	163.47 (170)	17174.50	.037
Ambição	184.73 (179)	164.75 (170)	19957.00	.063
Perfeccionismo	193.54 (179)	155.47 (170)	18534.50	.000
Persistência	191.83 (179)	157.28 (170)	18227.50	.001
Responsabilidade	175.95 (179)	174.00 (170)	15384.50	.857
Goal- directedness	172.63 (179)	177.50 (170)	14790.00	.650
Recursos	174.29 (179)	175.74 (170)	15088.50	.892
Auto aceitação	152.71 (179)	198.47 (170)	17224.50	.000
Auto Diretividade	165.39 (179)	185.12 (170)	13494.50	.067
Aceitação Social	182.85 (179)	166.74 (170)	16616.50	.134
Empatia	196.80 (179)	152.05 (170)	19117.00	.000
Helpulness	187.85 (179)	161.46 (170)	17516.00	.013
Consciência e Valores	163.97 (179)	186.61 (170)	13241.00	.035
Cooperatividade	187.61 (179)	161.73 (170)	17471.50	.016
Fantasia e Imaginação	186.67 (179)	162.71 (170)	17304.50	.026
Espiritualidade	198.30 (179)	150.47 (170)	19385.50	.000
Auto-Transcendência	196.61 (179)	152.24 (170)	19084.00	.000

Os resultados dos testes de Mann- Whitney evidenciaram a existência de diferenças estatisticamente significativas, indicando que na vinculação, as raparigas pontuam mais na Qualidade do Laço Emocional_Mãe e Ansiedade de Separação_Mãe comparativamente aos rapazes. Por outro lado, os rapazes obtêm valores superiores comparativamente às raparigas nas dimensões Comunicação_mãe, Alienação_mãe e IPPA_Total_Mãe.

No que se refere às dimensões da personalidade, os testes de Mann-Whitney evidenciaram que são as raparigas que obtêm valores superiores aos dos rapazes nas dimensões Ansiedade Antecipatória, Medo da incerteza, Timidez, Fadiga, Evitamento do Perigo, Sentimentalismo, Apego, Dependência, Dependência da Recompensa, Trabalho, Resistência ao esforço, Perfeccionismo, Aceitação Social, Empatia, Desesperança, Cooperatividade, Fantasia e Imaginação, Espiritualidade e Auto-Transcendência. Por outro lado, os rapazes obtêm valores superiores comparativamente às raparigas nas dimensões Excitabilidade Antecipatória, Auto aceitação e Consciência e Valores.

4. Discussão dos Resultados

O papel da vinculação no desenvolvimento do ser humano tem sido alvo de diversas investigações desde os estudos de Bowlby (1969) onde este explica que no decorrer do ciclo da vida, a vinculação constitui-se como um processo de desenvolvimento contínuo. E segundo as perspectivas psicobiológicas do modelo de temperamento e caráter, os traços de personalidade são poderosos preditores de saúde e funcionamento psicológico bem-sucedido em todas as pessoas e situações na vida (Cloninger,2004).

Os resultados obtidos apontam para a existência de correlações entre as dimensões da personalidade, tal como preconizada pelo modelo psicobiológico de Cloninger, nomeadamente de temperamento e de caráter e as dimensões da vinculação. Estes resultados são congruentes com os obtidos por Chotai, Jonasson, Hägglöf, & Adolfsson (2005) e Wan Shahrazad, Nor Ba'yah, Omar, & Halim (2015), os quais obtiveram correlações entre a personalidade e os estilos de vinculação, evidenciando a relação entre estes dois construtos.

Mais especificamente, a dimensão Procura de Novidade, apresenta, tal como todas as suas facetas, correlações positivas e significativas com as dimensões da Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai e Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe, sugerindo que quanto maior é a percepção do adolescente relativamente às restrições à expressão da individualidade própria pelos seus pais maior é a Procura de Novidade. Por outro lado, apresenta correlações negativas e significativas com as restantes dimensões da vinculação, nomeadamente, Qualidade do Laço Emocional_Pai, Qualidade do Laço Emocional_Mãe, Ansiedade de Separação_Pai, Ansiedade de Separação_Mãe, Comunicação, Confiança e Alienação, relativas quer ao pai quer à mãe.

A dimensão Evitamento do Perigo obteve valores de correlação significativos com as dimensões de vinculação, ainda que fracos (inferiores a 0.20) positivos com as dimensões Inibição da Exploração e Individualidade_Pai, Inibição da Exploração e Individualidade_Mãe, Ansiedade de Separação_Pai, Ansiedade de Separação_Mãe e negativos com as dimensões Comunicação_Mãe e Confiança_Mãe.

A dimensão Dependência da Recompensa, tal como quase todas as suas facetas, apresenta correlações significativas com todas as dimensões da vinculação, negativas com as dimensões Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai e Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe e positivas com as restantes dimensões. Deste modo, a percepção de restrições à expressão da individualidade própria pelos seus pais

A dimensão Persistência correlaciona-se negativamente com as dimensões Inibição da Exploração e da Individualidade_Pai e Inibição da Exploração e da Individualidade_Mãe e positivamente com a Qualidade do Laço Emocional_Pai, Qualidade do Laço Emocional_Mãe, Comunicação_Pai, Comunicação_Mãe; Confiança_Pai, Confiança_Mãe, Alienação_Pai e Alienação_Mãe.

A dimensão Auto-Diretividade apresenta valores de correlação positivos com as dimensões de vinculação Inibição da Exploração e Individualidade_Pai, Inibição da Exploração e Individualidade_Mãe, Ansiedade de Separação_Pai e Ansiedade de Separação_Mãe, apresentando valores de correlação negativos com as dimensões Confiança_Pai, Confiança_Mãe, Alienação_Pai e Alienação_Mãe.

A dimensão Cooperatividade apresentou correlações positivas com as dimensões de vinculação Inibição da Exploração e Individualidade_Pai, Inibição da Exploração e

Individualidade_Mãe, Ansiedade de Separação_Pai e Ansiedade de Separação_Mãe, Qualidade do Laço Emocional_Pai e Qualidade do Laço Emocional_Mãe.

Por último, a dimensão Auto-Transcendência obteve valores de correlação positiva com as dimensões de vinculação Ansiedade de Separação_Pai, Ansiedade de Separação_Mãe, Qualidade de Laço Emocional_Mãe e Confiança_Pai.

No entanto, os resultados, parecem evidenciar uma maior relação da vinculação com as dimensões de temperamento do que com as de carácter.

Considerando que o temperamento corresponde à componente hereditária/genética, mais inata da personalidade sendo influenciado pela dinâmica entre as experiências pessoais e as aprendizagens que decorrem ao longo da vida de cada pessoa (Lengua et al, 2013).

De acordo com Cloninger, Svrakic, Thomas & Przybeck (1993) o temperamento é constituído por quatro traços gerais, hereditários, independentes, influenciados por sistemas neuro químicos específicos: a procura de novidade (NS) com o sistema dopaminérgico; o evitamento do perigo (HA) com o neuro transmissor serotonina; a dependência de recompensa (RD) e a persistência (PS) com o neurotransmissor noradrenalina. Os traços que constituem o temperamento são influenciados geneticamente, são diferenças individuais relativamente estáveis perceptíveis precocemente na infância, preditivos do desenvolvimento comportamental e culturalmente transversais (Heath, Cloninger & Martin, 1994; Zohar, 2007).

De facto, a vinculação adulta, ao nível dos neurotransmissores, tem vindo a ser correlacionada com muitos dos sistemas centrais implicados no afeto, humor e temperamento (MacDonald, Berlow, & Thomas, 2013).

Os resultados deste estudo devem atender às limitações que apresenta, nomeadamente no que se refere ao tipo de amostra não-probabilística utilizada. Face à relevância dos resultados obtidos, sugere-se a realização de futuros estudos em amostras representativas da população portuguesa. De facto, constituindo-se a vinculação e a personalidade importantes construtos, preditores do sucesso terapêutico, a investigação neste âmbito possibilita de forma inequívoca o avanço da psicologia clínica.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1969). Object, Relations, Dependency, and Attachment: A Theoretical review of the Infant-Mother Relationship. *Child Development*(40): 969-1025.
- Ainsworth, M.D. (1978). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Allen, J. P.; Moore, C.; Kuperminc, G.; Bell, K. (1998). Attachment and Adolescent Psychosocial Functioning. *Child Development*, 69(5), 1406-1419.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. *Theory, research, and clinical applications* . New York: Guilford Press, 319-335.
- Almeida, M. (1997). *Estratégias de vinculação e estratégias de motivação em préadolescentes*. Coimbra.
- Anastácio,S.; Nobre-lima, L.(2015) . A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, 6(1).
- Antunes, C., & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: Análise factorial confirmatória da escala social support appraisals. *Paidéia*, 15(32), 355-366.
- Bartels, M.; Hudziak, J.; Boomsma, D.; Rietveld, M.; Beijsterveldt, T.; (2003). A study of parent ratings of internalizing and externalizing problem behavior in 12-year old twins. *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 42(11), 1351-1359.
- Benavente, R.; Justo, J.;Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27(1), 21-31.
- Boudreaux, M. J., & Ozer, D. J. (2013). Personality traits and the prediction of personal goals.*Personality and Individual Differences*, 55, 699-704.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss:Attachment*. London: Pimlico.

- Bowlby, J. (1988) *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York, Basic Books.
- Bretherton, I. (1999). Communication patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 237-252.
- Booth-LaForce, C., Rubin, H. K., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. B. (2005). Attachment and friendship predictors of psychosocial functioning in middle childhood and the mediating roles of social support and self-worth. *Attachment in middle childhood* (pp. 161-188). New York: The Guilford Press.
- Cantor, N., Norem, J., Langston, C., Zirkel, S., Fleeson, W., & Cook-Flanagan, C. (1991). Life tasks and daily life experience. *Journal of Personality*, 59, 425-451.
- Carr, A. (2004). Positive Psychology. *The science of happiness and human strengths*. London: Brunner Routledge.
- Carr, A. (2006). Involving fathers in psychology services for children. *Cognitive and behavioural practice*, 13, 94-97.
- Carr, A. (2014). *Manual de Psicologia Clínica da Criança e do Adolescente: uma abordagem contextual*. Psiquilíbrios Edições.
- Cassidy, J. (2008). The Nature of the child's ties. *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford Publications.
- Chotai, J. ; jonassona, M. ; Hagglofb, B.; Adolfssona, R. (2005) Adolescent attachment styles and their relation to the temperament and character traits of personality in a general population. *European Psychiatry* (20), 251-259.
- Cloninger, R.; Svakic, D.; Prybeck, T. (1993) *Psychobiological model of temperament and character*. *Archives of General Psychiatry*, pp. 975-990.
- Cloninger, R. (1999) *Teorias da Personalidade*. Editora Martins Fontes.
- Cloninger, R. (2004). *Feeling good: The science of well-being*. New York: Oxford University Press.
- Costa, M., & Mota, C. P (2012). Configuração familiar, género e *copping* em adolescentes: Papel dos pares. *Psicologia em Estudo*, 17, 567-575.

- Colle, L., & Del Giudice, M. (2011). Patterns of attachment and emotional competence in middle childhood. *Journal of Social Development, 20*(1), 51-72.
- Davis, T.; Morris, M.; Drake, M. (2016). The moderation effect of mindfulness on the relationship between adult attachment and well-being. *Personality and individual differences, 96*, 115-121.
- Figueiredo, E.; Ferronha, J.; Vaz, J.; Costa, M. & Fleming, M. (1983). Conflito adolescente-progenitores e autonomia: abordagem psicológica. *Análise Psicológica, 1*(IV), 41-54.
- Geuzaine, C., Debry, M. & Liesens, V. (2000). Separation from parents in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 29* (1), 79-91.
- Jongenelen, I.; Carvalho, M.; Mendes, T. & Soares, I. (2007). *Vinculação na adolescência*. In I. Soares, *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilíbrios.
- Johnson, M.; Whiffen, E. (2012). *Os Processos do Apego na Terapia de Casal e Família*. São Paulo: Roca.
- Kochanska, G., & Kim, S. (2013). Early attachment organization with both parents and future behavior problems: From infancy to middle childhood. *Child Development, 84*(1), 283-296
- Laible, D.; Carlo, G., & Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parent and peer attachment to adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence, 29*, 45-59.
- Larose, S., Bernier, A., & Tarabulsky, G. M. (2005). Attachment state of mind, learning dispositions, and academic performance during the College transition. *Developmental Psychology, 41* (1), 281-289.
- Lemery, R.; Golsmith, H. Klinnert, M (1999) Developmental models of infant and childhood temperament. *Dev Psychol, 35*(1), 189-204.
- Lengua, L., Moran, L., Zalewski, M., Cortes, R., Ruberry, E., Kiff, C., et al. (2013). *Relations of growth in effortful control to family income and adjustment in preschool age children*. Unpublished manuscript

- Leveridge, M., Stoltenberg, C., & Beesley, D. (2005). Relationship of Attachment Style to Personality Factors and Family Interaction Patterns. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 27(4), 577-597.
- Machado, T. & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 1, 97-115.
- Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A. B., & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents and young adults use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35 (1), 127-140.
- Matos, P.; Costa, M. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- McCabe, K. O., Yperen, N. W. V., Elliot, A. J., & Verbraak, M. (2013). Big five personality profiles of contextspecific achievement goals. *Journal of Research in Personality*, 47, 698-707.
- McCrae, R. R., & Costa, P. (2008). The five-factor theory of personality. In L. Pervin & O. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research*. New York: Guilford Press.
- MacDonald, K., Berlow, R., & Thomas, M. L. (2013). Attachment, affective temperament, and personality disorders: A study of their relationships in psychiatric outpatients. *Journal of Affective Disorders*, 151, 932-941.
- Montero I., León O., (2007). *A guide for naming research studies in psychology*. *International journal of clinical and health psychology*. 7(3), 847-862.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2015). Adolescents in institutional care: Significant adults, resilience and wellbeing. *Child and Youth Care Forum*, 44, 209-224.
- Moura, O., & Matos, P. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, 22 (1), 127-152.

- Mota, C. P., Costa, M., & Matos, P. M. (2016). Resilience and deviant behavior among institutionalized adolescents: *The relationship with significant adults*. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 33, 313-325.
- Moreira, P. A., Oliveira, J. T., Cloninger, K. M., Azevedo, C., Sousa, A., Castro, J. & Cloninger, R. C. (2012). The psychometrics and validity of the junior temperament and character inventory in Portuguese adolescents. *Comprehensive Psychiatry*, 53, 1227–1236.
- Overbeek, G., Vollebergh, W., Engels, R. & Meeus, W. (2003). Parental attachment and romantic relationships: Associations with emotional disturbance during late adolescence. *Journal of Counseling Psychology*, 50(1), 28-39.
- Preiss, M., Klose, J.(2001). Diagnostika poruch osobnosti pomoci' teorie . *Psychiatrie* 4, 226/231.
- Ramalho, V. (2009). *Lá em casa mandam eles?* Braga:Psiquilíbrios Edições.
- Roberts, B. W. (2009). Back to the future: Personality and assessment and personality development. *Journal of Research in Personality*, 43, 137-145.
- Rocha, M.; Mota, C. & Matos, P. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: o papel mediador da autoestima. *Análise Psicológica*, 29(2), 185-200.
- Rogers, M. E., Creed, P. A., & Glendon, A. L. (2008). The role of personality in adolescent career planning and exploration: A social cognitive perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 73, 132-142.
- Salmela-Aro, K. (2009). Personal goals and well-being during critical life transitions: The four C's – Channelling, choice, co-agency and compensation. *Advances in Life Course Research*, 14, 63-73.
- Santos, C., (2003). *Vinculação, estudo e aprendizagem*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (2009). Social support: Mapping the construct. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26, 113-120.

- Senna, S.; Dessen, M. (2012). Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia:Teoria e Pesquisa*,28 (1), 101-108.
- Silva, A.; Melo, O.; Mota, C. (2016). Suporte social e individuação em jovens de diferentes configurações familiares. *Temas em Psicologia*, 24, 1311-1327.
- Silva, Mota;Pinheiro, C. (2018). Vinculação aos pais, adversidade na infância e desenvolvimento de psicopatologia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70, 175-192.
- Simões, S., Farate C., Soares I., Pocinho M. (Fevereiro 2011). *A importância dos estilos educativos parentais para o comportamento de vinculação das crianças em idade escolar*. I Congresso de Psicologia do Desenvolvimento. Lisboa.
- Spieker, S.;Campbell, S.; Vandergrift, N.; Pierce, K. ; Cauffman, E.;Susman, E.; (2012). Relational aggression in middle childhood: Predictors and adolescent outcomes. *Social Development*, 21(2), 354-375.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. *Psicopatologias do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.
- Soares, I. (2007). Contributos da investigação sobre a vinculação em Portugal. *Psicologia*,20 (1), 5-9.
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Sousa, T.; Castro, A.; Queiroz, E. (2008)Vinculação aos Pais e Problemas de Internalização em Adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology III*, 321-332.
- Sprinthall, N. A.; Collins,W. A. (1994). *Psicologia do Adolescente*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sullivan, H. (1953). *Interpersonal Theory*. Aptara.
- Swickert, R. ;Hittner, J.;Foster, A. (2010). Big Five traits interact to predict perceived social support. *Personality and Individual Differences*, 48, 736-741.

- Vasalampi, K.; Parker, P.; Tolvanen, A.; Ludtke, O.; Salmela-Aro, K., ; Trautwein, U. (2014). Integration of personality constructs: The role of traits and motivation in the willingness to exert effort in academic and social life domains. *Journal of Research in Personality, 48*, 98-106.
- Veríssimo, M.(2008).Estilos Parentais e Relações de Vinculação. *Análise Psicológica, 4*, 393-406.
- Wan Shahrazad, W.;Kadir, N.; Omar, F. & Halim, F.(2015) Relationship Between Personality Traits, Attachment Styles and Life Satisfaction Among Adolescents. *E- Bangi Journal, 1055-106*.